

REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO

dicas • natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
entrevistas • natureza • aves • fotografia • destinos
técnicas • aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
aventura • parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia da natureza

ESPECIAL

As aves e suas relações com o
Palmeiteiro-juçara

ESPÉCIES DO MÊS:

tucanos - gênero *Ramphastos*

FOTOGRAFIA

Fotografando de dentro
do carro



KRUGER - África do Sul

um paraíso para a observação da vida selvagem

EVENTOS

BIG DAY Brasil Primavera e
Avistar ES

COMPORTAMENTO

aves de rapina

FOTOS DOS LEITORES

MEU QUINTAL

Veja o quintal da leitora Rosemari Júlio,
de Campos do Jordão/SP

Edição 5 - Dez/2015





É caro leitor, estamos chegando ao final de mais um ano. E esse ano foi importante para a observação de aves no Brasil. Eventos se consolidaram, o número de observadores só cresce. Tivemos uma participação importante no Big Day em maio, e depois, tivemos nosso Big Day, o Big Day Brasil - Primavera. O ano foi bom pra passarinhar.

Já que estamos falando em passarinhar, quantas espécies de aves brasileiras você, leitor, já viu e clicou? 300? 500? 800? Já pensou em chegar nas 1000 espécies clicadas? Ou você é um passarinho do tipo mais tranquilo com espécies, gosta mais de observar no seu quintal, seu bairro, sua cidade?

Bom, temos uma matéria para cada tipo de observador.

Se você é daqueles que preferem algo mais tranquilo, vai gostar da matéria sobre o Sr Danilo, um gaúcho de 92 anos que diariamente cuida de um comedouro que ele mesmo criou, em uma praça pública na cidade de Porto Alegre/RS.

Para os amantes dos *lifers*, temos uma entrevista com as 5 mulheres passarineiras que já conseguiram passar de 1000 espécies fotografadas, e estão entre as 20 pessoas com mais espécies registradas no site WikiAves. Tietta Pivatto conversou com elas, e você poderá ver a entrevista que deram para a Revista Passarinhando. Tenho certeza que você terá vontade de viajar e clicar...

Por falar em viajar, esta edição apresenta na seção **Destino** um paraíso para os amantes não só de observação de aves, mas observação de vida selvagem: o Parque Nacional Kruger, na África do Sul. Temos um artigo mostrando o parque, seu funcionamento, e algumas fotos da riquíssima vida selvagem. Lugar que todo amante de vida selvagem precisa conhecer um dia!

Ainda temos matérias muito legais, como por exemplo, a da seção **Árvores e Aves**, que nesta desta edição traz uma matéria sobre a relação das aves com o palmito. Muitas espécies se alimentam da semente de diversas palmeiras, e também contribuem para a dispersão da semente, importantíssimo para a manutenção da espécie na floresta. Já na seção **Matéria do mês**, Willian Menq traz um artigo sobre a relação entre rapinantes e outros animais.

E lembre-se, leitor! Você pode contribuir com suas fotos para as seções **Galeria do Leitor** ou **Aves comuns, Fotos incomuns**. Basta nos enviar um email para contato@revistapassarinhando.com.br. Esperamos suas fotos!

Um feliz Natal, e um ótimo 2016 cheio de aves!

Boa leitura!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br

Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Claudia Komesu

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



Siga a revista no
Facebook

facebook.com/RevistaPassarinhando



Nesta edição

ESPECIAL

Sr Danilo, um senhor dedicado à natureza e às aves



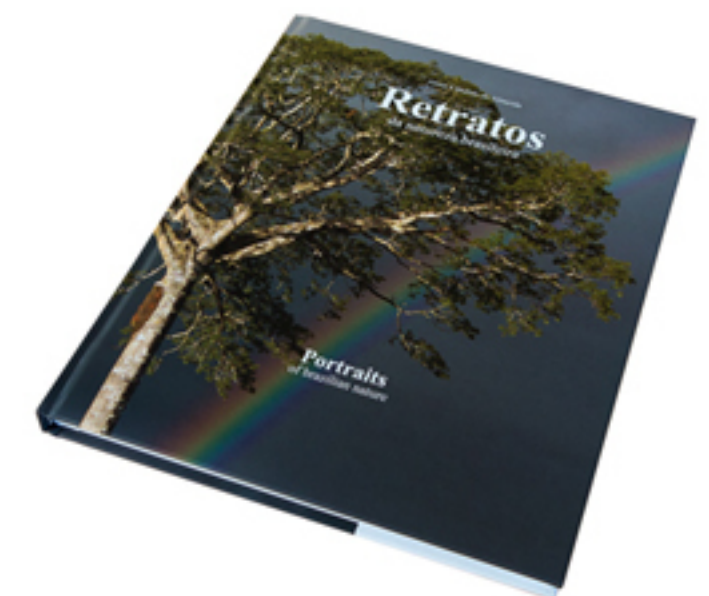
ESPÉCIES DO MÊS

tucanos - gênero *Ramphastos*



DESTINO

Kruger, África do Sul



BIBLIOTECA

Retratos da Natureza Brasileira



GALERIA DO LEITOR

Fotos dos nossos leitores



FOTOGRAFIA

Fotografando de dentro do carro



EVENTOS

Big Day Brasil / Avistar ES





MARITACA EXPEDITIONS

Promovendo observação de vida selvagem em ambientes naturais, no Brasil e no mundo.
Cursos de observação de vida selvagem para leigos e profissionais.
www.maritacaexpeditions.com FB- [maritaca turismo](#)



Galeria do Leitor

maxalalagá / *Micropygia schomburgkii*

Foto de Ester Ramires, Maceió/AL

Após três anos de persistência e busca ao Maxalalagá (*Micropygia schomburgkii*),
finalmente a foto desejada por Ester Ramires

Foto feita em Brasília/DF

Canon EOS Mark III, Canon EF 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5, 1/800, ISO 1600, @420mm



GALERIA DO LEITOR

anacã / *Deroptus accipitrinus*

Foto de Silvia Linhares | São Paulo/SP

Canon EOS 7D Mark II, Canon EF 300mm F/4L IS USM + 1.4x | f/5.6, 1/4000, ISO 800, @420mm, -2/3EV

"Nenhuma palavra consegue traduzir o momento incrível dessa foto, foi tão efêmero e intenso que me faz sentir algo inexplicável até hoje"



GALERIA DO LEITOR



gavião-pega-macaco / Spizaetus tyrannus

Foto de Margi Moss | Brasília/DF

Nikon D300S, Nikon Nikkor 80-400mm | f/5.6, 1/1000, ISO 400, @400mm, +0.3EV

Como não se emocionar com um gavião-pega-macaco pousado em uma árvore do próprio jardim



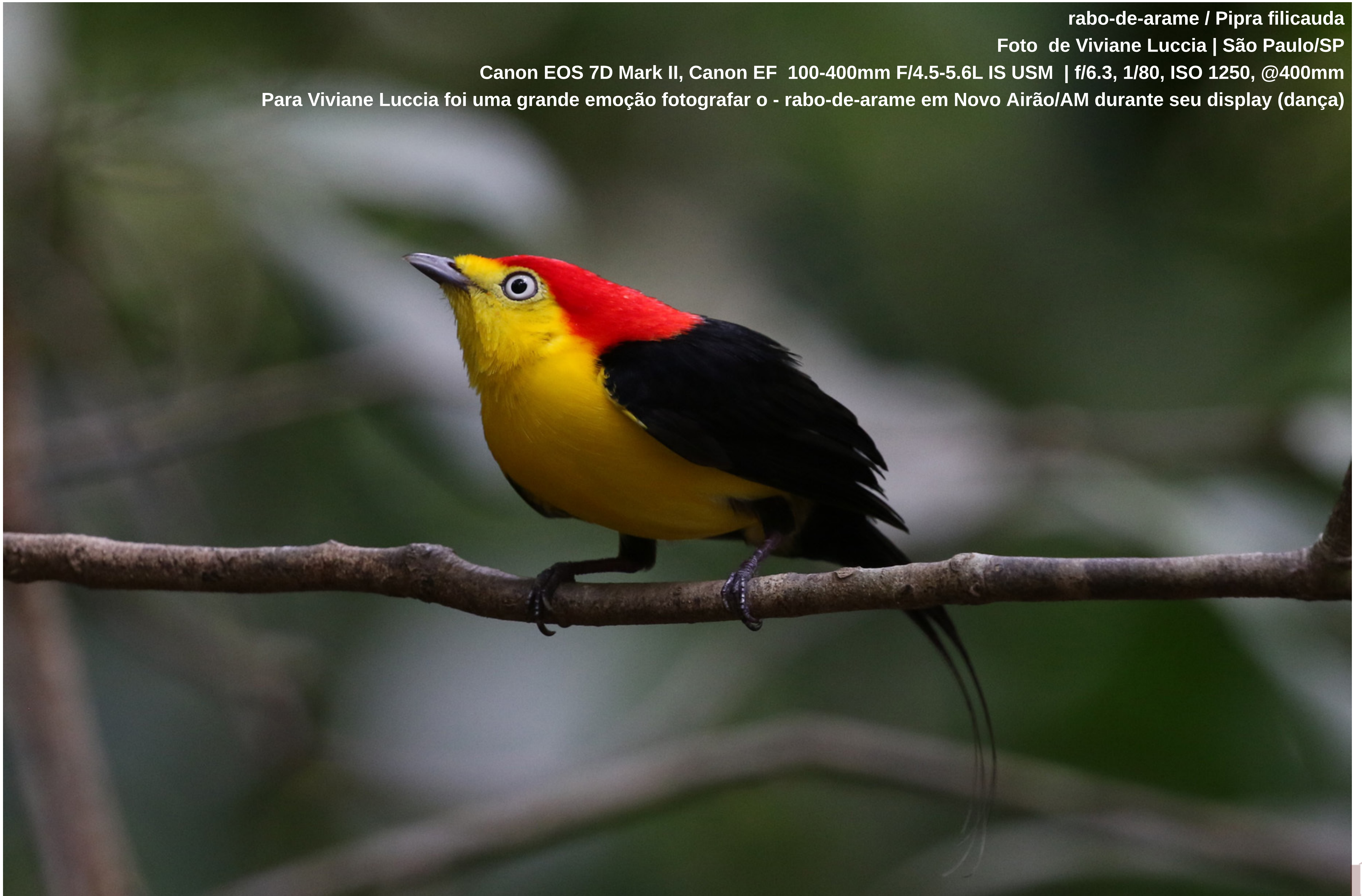
GALERIA DO LEITOR

rabo-de-aramé / *Pipra filicauda*

Foto de Viviane Luccia | São Paulo/SP

Canon EOS 7D Mark II, Canon EF 100-400mm F/4.5-5.6L IS USM | f/6.3, 1/80, ISO 1250, @400mm

Para Viviane Luccia foi uma grande emoção fotografar o - rabo-de-aramé em Novo Airão/AM durante seu display (dança)



GALERIA DO LEITOR



saíra-apunhalada / *Nemosia rourei*

Foto de Maria Albers | São Paulo/SP

Nikon D7000, Nikon Nikkor 80-400mm | f/5.6, 1/11250, ISO 640, +0.7EV , @400mm
Maria Albers conseguiu fotografar uma das aves mais desejadas e ameaçadas do Brasil, a saíra-apunhalada (*Nemosia rourei*), em Vargem Alta/ES



Figura bem popular e conhecida no bairro onde mora, sendo cumprimentado por todos que passam, "seu" Danilo Todeschini já perdeu a conta de quantas árvores plantou na praça que fica em frente à sua casa. O número que lhe vem à cabeça é algo em torno de 450, contando a praça e os arredores.

Estamos em Porto Alegre/RS, no sul do Brasil, região com bastante influência dos imigrantes alemães e italianos. E foi em Garibaldi, uma cidade onde a cultura italiana predomina, que seu Danilo nasceu.

Em 1950, quando tinha 27 anos, veio morar na capital do estado, onde trabalhou até aposentar-se na área da contabilidade.

Segundo o que conta, a atividade de plantio de árvores sempre esteve presente em sua vida, mesmo antes de se aposentar. Seu Danilo conta que em determinado momento, para ver seu projeto se concretizar, teve de pagar do próprio bolso o salário de um jardineiro que passava a noite dando água para as árvores recém plantadas na praça. Não trabalhou sozinho, teve ajuda de outras pessoas dos arredores, incluindo aquele que menciona com bastante frequência, o amigo Dr. Miguel.

Para o plantio de árvores, as sementes eram compradas ou colhidas de outras árvores na



Visão do comedouro criado pelo Sr Danilo

natureza. Dentre os tipos de árvores que plantou estão abacateiros, caneleiras, goiabeiras, jabuticabeiras, araçás, goiabeira, e até mesmo uma araucária.

Mas foi há aproximadamente dez anos atrás que iniciou uma atividade que lhe rendeu reconhecimento na mídia da cidade e do bairro, uma atividade de dedicação às aves, apreciada e elogiada por todos os que passam diariamente na praça. Seu Danilo montou uma grande estrutura em madeira, que é usada como comedouro. Atrai muitas aves todos os dias, que parecem saber a hora que seu



Sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris*



cambacica, *Coereba flaveola*

Danillo vai aparecer, duas vezes ao dia, de manhã e à tarde. Uma tarefa relativamente simples, não fosse o fato de seu Danillo já ter, acredite, 92 anos. Quando perguntado sobre de onde vem tamanha força de vontade ele responde: "Onde tem natureza eu me divirto". E as aves são talvez o que há de mais efetivo em nos lembrar que somos rodeados pela natureza.

Seu Danillo abastece o comedouro com bananas, laranjas e mamões, e as espécies que o visitam são muitas: sabiá-laranjeira, sanhaçu-cinzentos, sanhaçu-papa-laranja, cambacica, fim-fim, pica-pau-verde-barrado, pica-pau-do-campo, dentre outros. Além do comedouro, também espalha uma mistura de grãos pelo chão para atrair

pombas-de-bando, rolinhas-picuis e vira-bosta.

São 250 kg de frutas todos os meses, que seu Danillo banca do próprio bolso.

Segundo seu relato, a ideia do comedouro começou quando decidiu atrair para perto de si, usando sua mistura de grãos, algumas pombas juriti que havia avistado nas redondezas. Após ver seu plano dar certo, decidiu ampliar o número de espécies atraídas, agora usando frutas.

Uma triste realidade é que seu Danillo conta que faz tudo isso sozinho, e não tem ideia de quem poderia lhe substituir no futuro. Seu desejo é que alguém dê continuidade a esse lindo trabalho. ■



sanhaçu-papa-laranja, *Pipraeidea bonariensis*

O comportamento de aves de rapina em associação com outros animais

O comportamento de aves associando-se com outros animais é mais comum do que imaginamos. Algumas espécies são conhecidas por se associarem com invertebrados como, por exemplo, formigas-de-correição (*Eciton burchelli* e *Labidus praedator*), usando-as como batedores para obtenção de alimentos. Outras espécies preferem seguir vertebrados, como macacos, tatus e cervídeos. Há também relatos de aves marinhas seguindo orcas e golfinhos para captura de peixes.

No grupo das aves de rapina não é diferente, há uma série de associações relatadas pelo mundo afora. No continente africano, o gavião-pálido (*Melierax canorus*) possui o curioso hábito de seguir o texugo-do-mel (*Mellivora capensis*), um mamífero carnívoro da família Mustelidae (Borello & Borello 1986). O texugo-do-mel é um excelente escavador, retira roedores e lagartos de seus esconderijos subterrâneos, presas ideais para o gavião, que fica sempre na espreita pousado próximo aos texugos. Na Namíbia, sul do continente africano, outra curiosa relação ocorre entre o falcão-das-rochas (*Falco rupicolus*) e babuínos (*Papio ursinus*) (King & Cowlshaw 2008). Nesta relação, os falcões costumam capturar em

voo gafanhotos e grilos espantados pelos babuínos. Já na Costa Rica, América Central, Warketin (1993) observou um casal de gavião-miúdo (*Accipiter striatus*) seguindo um bando de macacos-prego-de-cara-branca (*Cebus capucinus*) que se deslocavam em um manguezal. Ambas as aves ficavam posicionadas em poleiros próximos aos macacos, prontas para abater qualquer presa potencial que fosse espantada pelos primatas.

No Brasil, também existem alguns registros interessantes envolvendo gaviões e mamíferos, especialmente macacos. No interior de Minas Gerais, Ferrari (1990) observou gaviões-de-cabeça-cinza (*Leptodon cayanensis*) e sovis (*Ictinia plumbea*) empoleirando-se próximo a saguis (*Callithrix flaviceps*). Durante uma semana de observação, o autor observou os gaviões capturando cigarras espantadas pela atividade dos saguis. Além destes gaviões, espécies como o gavião-ripina (*Harpagus bidentatus*) e gavião-branco (*Pseudastur albicollis*), também já foram relatados seguindo macacos e saguis.

Dentre os rapinantes que seguem formigas-de-correição, podemos citar o gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*) e o sovi (*Ictinia plumbea*), que capturam os insetos afugentados pelas formigas. Já predadores mais especialistas, como o falcão-críptico (*Micrastur mintoni*), gavião-bombachinha-grande (*Accipiter bicolor*) e o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*), gostam de acompanhar discretamente as formigas para predar pequenos pássaros e outros vertebrados atraídos pela atividade delas.

Durante um trabalho no cerrado do leste do Mato Grosso, tive a oportunidade de registrar a associação entre o falcão-de-coleira (*Falco femoralis*) e o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*). Na ocasião, observei o falcão pousado em uma árvore baixa a poucos metros do lobo-guará. Conforme o lobo caminhava pela vegetação baixa do Cerrado, o falcão o acompanhava, pousando em árvores próximas, esperando presas potenciais como



lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*



falcão-de-coleira, *Falco femoralis*

codornas e rolinhas serem espantadas pelas atividades de caça do lobo. Silveira et al. (1997) descreveram a mesma associação no Parque Nacional das Emas, em Goiás. A maior parte das presas atacadas ou espantadas pelo lobo eram

codornas (*Nothura sp*). Nas vezes em que o lobo não conseguia sucesso, os falcões atacavam a mesma presa, que exausta, sucumbia ao ataque dos falcões. Assim, os falcões se mostravam animais bastante oportunistas, capturando os animais que escapavam do ataque do canídeo. Também já registrei o falcão-de-coleira seguindo com a mesma finalidade, emas (*Rhea americana*) e seriemas (*Cariama cristata*) em uma área rural no sul do Mato Grosso do Sul.

Esses comportamentos podem ocorrer por motivos variados, como por exemplo, menor risco de predação e maior sucesso no forrageamento. Informações sobre associação de aves com mamíferos é muito escasso na biologia. Provavelmente muitas outras espécies de gaviões, falcões e até corujas se associem a felinos, canídeos, primatas e outros mamíferos para forragear e capturar presas espantadas por eles.

Assim, quando observar uma ave próxima a outro animal que não seja sua presa, fique atento, você pode estar diante de um interessante e raro momento!

Referências

- Borello, W. & R. Borello. (1986) Chanting Goshawks foraging with Honey Badger. *Babbler* 12:25.
- Ferrari, S.F. (1990) A Foraging Association between Two Kite Species (*Ictinea plumbea* and *Leptodon cayanensis*) and Buffy-Headed Marmosets (*Callithrix flaviceps*) in Southeastern Brazil. *The Condor*, 92(3):781-783.
- King, A. J., & G. Cowlishaw. (2008). Foraging opportunities drive interspecific associations between Rock Kestrels and Desert Baboons. *Journal of Zoology* 277:111-118.
- Silveira, L. , Jácomo, A. T. A., Rodrigues, F. H. G. , Crawshaw-Junior, P. G. (1997) Hunting Association between the Aplomado Falcon (*Falco femoralis*) and the Maned Wolf (*Chrysocyon brachyurus*) in Emas National Park, Central Brazil. *The Condor*. 99 : 201 – 202.
- Warkentin, I. G. (1993) Presumptive foraging association between Sharp-shinned Hawks (*Accipiter striatus*) and White-faced Capuchin Monkeys (*Cebus capucinus*). *Journal of Raptor Research* 27:46-47. ■

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapirai, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passar o dia com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlossoares@online.de
site: www.salvefloresta.com

Dessa vez trago para vocês a história de um quintal que fica num paraíso para as aves e conseqüentemente para nós observadores. Estou falando do quintal de nossa amiga Rosemarí Coelho Júlio, que fica na famosa cidade de Campos do Jordão/SP, localizada na Serra da Mantiqueira e cercada de áreas verdes por todos os lados.

Campos do Jordão, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com seus 1628 metros de altitude do nível do mar, é o mais alto município do Brasil. Toda essa altitude faz também com que a cidade seja considerada a mais fria do Brasil, com temperatura média anual de 8,1 °C. (INMET – Instituto Nacional de Meteorologia). Toda essa atmosfera diferente, criada por campos de altitude e baixas temperaturas, reuniu uma avifauna bem diversificada, esse fato fez o município se tornar roteiro certo para os observadores de aves.

Se já é bom para o turista passarineiro que fica apenas alguns dias hospedado na cidade, imagine para quem tem o privilégio de ter uma casa por lá? Ainda mais se essa casa tiver um belo e amado jardim, onde quem reina são os bichos... Esse é o quintal da Rosemarí.

Rosemarí se diz apaixonada desde sempre pelos animais. Quando pequena, na cidade de Santos/SP, onde

nasceu, já tinha o hábito de sair para observar a natureza e naquela época já arriscava as primeiras fotos.

Em 2011, num momento muito triste de sua vida, pois seu marido enfrentava uma grave doença, começou a passarinhos. Rosemarí me disse emocionada, que o marido sempre a incentivava em relação às suas fotos dos passarinhos. O mesmo incentivo vinha de um de seus filhos, que achava o hobbie da mãe passarineira especial.

O marido de Rosemari sempre fez questão de incentivá-la também a plantar árvores frutíferas no jardim, ele dizia que como as aves não vão ao supermercado, elas viriam até o jardim.

Infelizmente em 2012 o marido de Rosemarí faleceu, e o amor que nossa amiga sentia e sente pelas aves e por fotografá-las fez com que ela não entrasse num período crítico de depressão.



beija-flor-de-papo-branco, *Leucochloris albicollis*



pica-pau-rei, *Campephilus robustus*

Foi aí que um grande amigo de Rosemarí e de seu falecido marido comentou que iria acontecer um workshop de fotografia de aves na Reserva Guainumbi, uma reserva de Mata Atlântica que reúne apaixonados pela natureza e principalmente pelas aves. Ela fez a inscrição e se jogou! Daí pra frente, todos nós já sabemos como essa história continua, ou seja, nascia mais uma observadora de aves. Agora que a gente já conhece a história de nossa amiga passarineira, vamos ao seu quintal. Rosemarí descreve o local com tanto amor que podemos quase sentir o perfume das flores que o enfeitam e que servem de alimento para os beija-flores, ah os beija-flores! São 10 espécies que aparecem por lá; estrelinha-ametista, beija-flor-rajado, beija-flor-de-topete, beija-flor-tesoura, beija-flor-de-fronte-violeta, beija-flor-de-papo-branco, rabo-branco-acanelado, besourinho-de-bico-vermelho, beija-flor-rubi, e beija-flor-de-topete, um verdadeiro espetáculo, que nossa amiga observa sem precisar sair de casa.

Ficaram com água na boca? E se eu disser que até rapinantes como gavião-de-cauda-curta, gavião-tesoura, peneira, gavião-carijó e, pasmem, até o espetacular gavião-pega-macaco já foram clicados no quintal?

Eita Rosemarí, esse seu quintal deveria entrar para o hall dos *hotspots* para conservação das aves da Mata Atlântica!

Como se essa lista acima já não bastasse, no quintal de Rosemarí ainda são atraídas diversas aves aquáticas, pois existe um lago no local onde a pesca é estritamente proibida, a não ser que você seja uma garça ou um martim-pescador, esses podem pescar a vontade. Rosemarí se sente tão íntima dos bichos que frequentam seu quintal que os trata como amigos, existe uma família de jacuaçus que desfila a poucos metros das lentes de sua câmera Canon 7D Mark II.

No espaço do jardim, além de toda a flora cultivada para atrair as aves, também são

mantidos comedouros e bebedouros, que são abastecidos todos os dias por Rosa, uma funcionária de Rosemarí, que se tornou passarineira e companheira de observação da dona da casa.

Rosa ganhou uma câmera Nikon da patroa e logo pegou gosto pela coisa. Rosa não descuida da limpeza dos bebedouros um dia sequer, pois eles também atraem vários esquilos, xodós do quintal de Rosemarí. Esse quintal é sem dúvidas um lugar especial, tanto para as aves, como para a dona da casa.

Rosemarí descobriu na observação das aves, riquezas que levará para a vida toda! Deixo aqui pra vocês uma frase dita por ela e que resume toda essa história de amor pelas aves...

“Quando comecei a passarilhar fui ganhando confiança em mim mesma, e muitos/as amigos/as admiráveis ganhei também. As lembranças são muitas, as fotos mais ainda e os amigos verdadeiros, são os maiores prêmios que este hobby me deu. Um hobby de emoções e encantos que já nasci com ele, sem saber que um dia me proporcionaria muitas alegrias. Amo as Aves, Amo a Natureza e tudo que ela nos oferece”. ■



saíra-lagarta, *Tangara desmaresti*

Lista de aves do quintal de Rosemari Júlio

1. *Buteo brachyurus*, gavião-de-cauda-curta
2. *Elanoides forficatus*, gavião-tesoura
3. *Caracara plancus*, caracará
4. *Spizaetus tyrannus*, gavião-pega-macaco
5. *Milvago chimachima*, carrapateiro
6. *Elanus leucurus*, gavião-peneira
7. *Rupornis magnirostris*, gavião-carijó
8. *Megaceryle torquata*, martim-pescador-grande
9. *Ardea alba*, garça-branca-grande
10. *Bubulcus ibis*, garça-vaqueira
11. *Syrigma sibilatrix*, maria-faceira
12. *Coragyps atratus*, urubu-de-cabeça-preta
13. *Cathartes aura*, urubu-de-cabeça-vermelha
14. *Patagioenas picazuro*, pombão
15. *Columba livia*, pombo-doméstico
16. *Cyanocorax cristatellus*, gralha-do-campo
17. *Piaya cayana*, alma-de-gato
18. *Dendrocolaptes platyrostris*, arapaçu-grande
19. *Xiphorhynchus fuscus*, arapaçu-rajado
20. *Lepidocolaptes falcinellus*, arapaçu-escamado-do-sul
21. *Lepidocolaptes squamatus*, arapaçu-escamado
22. *Euphonia violácea*, gaturamo-bandeira
23. *Sporagra magellanica*, pintassilgo
24. *Cranioleuca pallida*, arredio-pálido
25. *Leptasthenura setaria*, grimpeiro
26. *Furnarius figulus*, casaca-de-couro-da-lama
27. *Synallaxis spixi*, João-tenenem
28. *Zonotrichia capensis*, tico-tico
29. *Amazona vinacea*, papagaio-do-peito-roxo
30. *Pyrrhura frontalis*, tiriba-de-testa-vermelha
31. *Pygochelidon cyanoleuca*, andorinha-pequena-de-casa
32. *Molothrus bonariensis*, vira-bosta
33. *Cacicus cela*, xexéu
34. *Campephilus robustus*, pica-pau-rei
35. *Melanerpes candidus*, pica-pau-branco
36. *Colaptes campestris*, pica-pau-do-campo
37. *Veniliornis spilogaster*, picapauzinho-verde-carijó
38. *Aramides saracura*, saracura-do-mato
39. *Turdus rufiventris*, sabiá-laranjeira
40. *Turdus amaurochalinus*, sabiá-poca
41. *Turdus flavipes*, sabiá-una
42. *Megascops choliba*, corujinha-do-mato
43. *Strix hylophila*, coruja-listrada
44. *Thamnophilus caerulescens*, choca-da-mata
45. *Coereba flaveola*, cambacica
46. *Troglodytes musculus*, corruíra
47. *Poospiza lateralis*, quete
48. *Stephanophorus diadematus*, sanhaçu-frade
49. *Tangara cyanoptera*, sanhaçu-de-encontro-azul
50. *Tangara desmaresti*, saíra-lagarta
51. *Tangara sayaca*, sanhaçu-cinzento
52. *Tangara ornata*, sanhaçu-de-encontro-amarelo
53. *Calliphlox amethystina*, estrelinha-ametista
54. *Ramphodon naevius*, beija-flor-rajado
55. *Stephanoxis lalandi*, beija-flor-de-topete
56. *Eupetomena macroura*, beija-flor-tesoura
57. *Thalurania glaucopis*, beija-flor-de-fronte-violeta
58. *Leucochloris albicollis*, beija-flor-de-papo-branco
59. *Phaethornis petrei*, rabo-branco-acanelado
60. *Chlorostilbon lucidus*, besourinho-de-bico-vermelho
61. *Clytolaema rubricauda*, beija-flor-rubi
62. *Stephanoxis lalandi*, beija-flor-de-topete
63. *Pitangus sulphuratus*, bem-te-vi
64. *Phyllomyias fasciatus*, piolhinho
65. *Phyllomyias griseicapilla*, piolhinho-serrano
66. *Tyranniscus burmeisteri*, piolhinho-chiador
67. *Serpophaga subcristata*, alegrinho
68. *Tyrannus melancholicus*, suiriri
69. *Xolmis cinereus*, primavera
70. *Cyclarhis gujanensis*, pitiguari
71. *Knipolegus cyanirostris*, maria-preta-do-bico-azulado
72. *Camptostoma obsoletum*, risadinha
73. *Phylloscartes ventralis*, borboletinha-do-mato
74. *Sclerurus scansor*, vira-folha
75. *Cichlocolaptes leucophrus*, trepador-sobrancelha
76. *Sittasomus griseicapillus*, arapaçu-verde
77. *Philydor rufum*, limpa-folha-de-testa-baia
78. *Basileuterus culicivorus*, pula-pula
79. *Falco femoralis*, falcão-de-coleira
80. *Penelope obscura*, jacuaçu



Desde a quarta edição da revista Passarinando estamos descrevendo de uma forma diferente as aves que aparecem na coluna “espécies do mês. Ao invés de falarmos de espécies isoladas, estamos dando ênfase em grupos de aves do mesmo gênero. Nessa quinta edição falaremos do gênero *Ramphastos*, pertencente à família Ramphastidae, que compreende os tucanos e araçarís. De maneira geral, os tucanos se diferenciam dos araçarís devido a algumas características; as narinas ficam escondidas na base da mandíbula superior (porção superior do bico), predomina a cor negra nas regiões da barriga, coxas e cauda. O peito e a garganta apresentam coloração clara que varia do branco ao amarelo, possuem cauda relativamente pequena e quadrada e as coberteiras inferiores da cauda são sempre vermelhas. Os tucanos não apresentam dimorfismo sexual, mas em geral os machos possuem o bico mais avantajado em relação às fêmeas.

No Brasil temos quatro tucanos do gênero *Ramphastos*, são eles, *R. toco*, *R. tucanus*, *R. dicolorus* e *R. vitellinus*.

Ramphastos toco

Começaremos por *Ramphastos toco*, conhecido popularmente como tucanuçu. Essa ave já foi descrita isoladamente na terceira edição da revista Passarinando, mas para fecharmos o grupo do gênero ao qual pertence, falaremos mais um pouco. É o maior representante dentre os tucanos brasileiros. É o único que não vive exclusivamente em áreas de floresta. Aproveita o desmatamento de áreas naturais para fixar novos territórios, pois se adapta com facilidade em áreas de mata rala em recuperação ou até mesmo em áreas urbanas arborizadas. O que mais chama a atenção em *R. toco* é seu bico de tamanho desproporcional em relação ao seu corpo. Em certos indivíduos o tamanho do bico pode ultrapassar o do corpo.

Possui duas subespécies

Ramphastos toco toco - ocorre nas Guianas Norte e Nordeste do Brasil.

Ramphastos toco albogularis - leste, sudeste e sul do

Brasil, bem como Paraguai, Bolívia e norte da Argentina. Bico menor e garganta com menos amarelo que a forma nominal.

Mede 56 centímetros de comprimento da ponta do bico à ponta da cauda e pesa em média 540 gramas. Bico possui colorido berrante composto de tons que vão do amarelo à cor de laranja dependendo do indivíduo, com uma mancha ovalada negra na ponta. É ainda serrilhado e cortante, usado com destreza para arrancar pedaços de frutos. Uma curiosidade sobre *R. toco*, é que seu bico possui o mesmo colorido interna e externamente. Possui a área em volta dos olhos desprovida de penas e tingida de cor de laranja contrastando com uma linda íris azul. O papo e o uropígio brancos se destacam em relação ao restante do corpo, que é coberto por penas negras. Possui ainda algumas penas vermelhas no crisso. Possuem pernas e pés muito fortes. Sua vocalização é de fácil memorização, consiste de um ronco baixo e profundo, rrrro-rrro.

Comem frutas, tanto as silvestres, como as cultivadas, várias espécies de palmeiras, principalmente os do gênero *Euterpes* (juçara e açaí). Comem também grandes insetos e pequenos vertebrados, além de ovos e filhotes de outras espécies de aves. Pode descer até o chão da mata para pegar os frutos caídos.



tucanuçu, *Ramphastos toco*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Fazem seus ninhos em ocos de árvores, palmeiras, cupinzeiros e até em barrancos. Seu bico, embora muito duro, não serve para cavar a madeira quando se utilizam de árvores para nidificarem, restando-lhes a tarefa de alargar o local através da remoção de lascas. Botam de 2 a 4 ovos que são incubados pela fêmea por 16 dias em média. Ao macho, resta zelar pela companheira alimentando-a e protegendo a área do ninho durante a incubação. O casal alimenta os ninhegos em conjunto. Quando se tem um ninho de tucanuçu por perto fica fácil encontrar o local exato, pois os filhotes pedincham insistentemente por comida mesmo quando os pais não estão por perto.

Habitam os cerradões, áreas rurais, campos com árvores esparsas e áreas urbanas arborizadas.

Podem ser observados aos casais ou em grandes grupos. Geralmente quando os filhotes saem dos ninhos formam pequenos bandos familiares.

Possuem o hábito de pousar em grupo em árvores altas e isoladas, onde ficam irrequietos, vocalizando e movimentando-se entre os galhos.

R. toco apresenta larga distribuição no centro-sul do Brasil, principalmente em regiões campestres do interior. Da Amazônia ao Paraguai, Bolívia e Argentina, não atinge o litoral do nordeste brasileiro.

Ramphastos tucanus

A segunda ave a ser descrita também é considerada um tucano de porte grande, *Ramphastos tucanus*, conhecido popularmente como tucano-grande-de-papo-branco. É uma das vozes mais ouvidas na floresta amazônica e pode lembrar ao longe o latido de um cão perseguindo sua presa, fato que lhe dá também o nome popular de tucano-cachorro.

Possui duas subespécies:

Ramphastos tucanus cuvieri - Esta subespécie tem como característica morfológica a cor preta no bico. Ocorre dos altos Orinoco (Venezuela) e Amazonas (Rio Negro, Solimões e Madeira) ao norte de Mato Grosso e sul do Pará.

Ramphastos tucanus tucanus - Esta subespécie tem como característica morfológica o bico na cor vinho. Ocorre do baixo Orinoco (Venezuela) e Guianas ao baixo rio Negro, Manaus, Amapá, Marajó, leste do Pará e Maranhão.

As duas subespécies encontram-se ao norte e ao sul do Amazonas, formando extensas áreas de cruzamento. Os híbridos nascidos do cruzamento entre as duas subespécies são identificados pela coloração mesclada no bico e pela presença de penas amarelo-citrina ou alaranjadas na rabadilha (base da cauda).



tucano-grande-de-papo-branco, *Ramphastos tucanus*

Foto: Norton Santos



tucano-grande-de-papo-branco, *Ramphastos tucanus*

Foto: Norton Santos

Mede cerca de 55 centímetros e pesa aproximadamente 600 gramas. É uma ave estritamente florestal. Bico possui colorido composto de amarelo, azul, preto e vinho. Possui a área em volta dos olhos tingida de cor azul. O papo e o uropígio brancos se destacam em relação ao restante do corpo, que é coberto por penas negras. Possui ainda algumas penas vermelhas ou alaranjadas no crisso.

R. tucanus, assim como os outros tucanos, alimenta-se basicamente de frutos, mas também aprecia pequenos vertebrados como cobras e lagartos, além de filhotes e ovos de outras aves.

Colocam de 2 a 4 ovos em uma cavidade que pode estar localizada em altitudes variáveis no tronco da árvore.

Aproveitam partes deterioradas da árvore para alargar a cavidade natural ou aproveitam ninhos abandonados de papagaios ou pica-paus.

Vivem em pequenos grupos nas copas de florestas úmidas e quando comparado aos outros tucanos do mesmo gênero, *R. tucanus* é o que frequenta o estrato mais alto da floresta. Tem o hábito de jogar a cabeça para trás quando vocaliza comportamento percebido até mesmo a grandes distâncias.

A distribuição geográfica de *R. tucanus* vai da Amazônia, Guianas e Venezuela até a Bolívia.

Ramphastos dicolorus

O próximo tucano de nossa lista é *Ramphastos dicolorus*. Devido a coloração de seu bico ser predominantemente verde é conhecido popularmente por tucano-de-bico-verde.

Mede cerca de 48 centímetros e pesa aproximadamente 350 gramas. Seu papo é amarelo escuro bordado de amarelo claro. O Bico de *R. dicolorus* é mais curto do que os outros tucanos em relação ao seu corpo, dando a impressão de ser mais maciço. Possui dentes maxilares (bico serrilhado) bem pronunciados, realçados por vermelho cor de sangue. Sua “barriga” é vermelha e o restante do corpo negro.

R. dicolorus, carrega a mesma fama dos outros tucanos,



tucano-de-bico-verde, *Ramphastos dicolorus*

Foto: Luiz Carlos Ribenboiom

é um exímio predador de ninhos de outras aves, devorando filhotes e ovos. Também aprecia coquinhos de várias palmeiras, bagas de embaúbas e outros frutos silvestres. Assim como o *R. toco*, *R. dicolorus* pode ser observado se alimentando de frutos caídos no solo.

Colocam de 2 a 4 ovos em uma cavidade no tronco da árvore. Os ovos são incubados por volta de 18 dias.

Vivem em florestas do litoral até áreas montanhosas. Tem se tornado mais difícil avistar *R. dicolorus* devido ao desmatamento e diminuição de sua área natural. Vivem aos pares, mas podem formar grupos grandes, com mais de 20 indivíduos, que podem ser observados ao se alimentarem em grandes árvores frutíferas no interior e borda de mata. Formam ocasionalmente bandos mistos com *Ramphastos vitellinus*.

É a espécie de tucano que mais avança sua área de distribuição ao sul do Brasil. Ocorre também no Paraguai e nordeste da Argentina.

Ramphastos vitellinus

Por último temos *Ramphastos vitellinus*, vulgarmente chamado de tucano-de-bico-preto. É o menor representante do gênero.

Possui cinco subespécies, quatro delas ocorrem no Brasil: *Ramphastos vitellinus ariel* – Possui papo amarelo alaranjado, base do bico é amarela e a região em volta



tucano-de-bico-preto, *Ramphastos vitellinus*

Foto: Norton Santos

dos olhos é vermelha. Ocorre do Pará ao sul do Amazonas até a foz do rio Madeira. Também ocorre no Maranhão. Também no nordeste até Santa Catarina.

Ramphastos vitellinus vitellinus – Essa subespécie possui base do bico de cor azul, e a pele nua em torno dos olhos também azul. Papo amarelo com borda branca, e íris marrom. Habita as florestas do lado norte do rio Amazonas.

Ramphastos vitellinus pintoi – Apresenta papo branco ou ligeiramente amarelado faixa na base do bico amarela. Vive no Brasil central, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul

e Goiás.

Ramphastos vitellinus culminatus – Ocorre no oeste da Amazônia. Apresenta faixas pretas nas laterais no bico. A mandíbula é azul próximo à base e amarela mais próximo da ponta. Parte da maxila superior é amarela. A região em torno dos olhos é azul claro.

Mede 46 centímetros de comprimento. Não possuem dimorfismo sexual. Bico predominantemente preto, variando a cor da faixa basal conforme a subespécie. Por dentro o bico é vermelho.

Comem frutas silvestres, principalmente os do gênero *Euterpes* (juçara e açai). Comem também insetos, principalmente cupins que capturam durante o voo ou diretamente no chão quando começam a sair do cupinzeiro. Apreciam pequenos vertebrados e também ovos e filhotes de outras espécies de aves.

Fazem seus ninhos em ocos de árvores, geralmente a 10 metros de altura do chão. Botam de 2 a 4 ovos que são incubados pela fêmea por 18 dias. Ao macho, fica o trabalho de alimentar a companheira.

Vivem nas bordas e no interior de florestas úmidas formando bandos com poucos indivíduos.

É bem distribuído pelo Brasil, ocorrendo da Amazônia até Santa Catarina, e em direção oeste até Goiás e Mato Grosso. Também nas Guianas, Venezuela e Bolívia. ■

Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana** brasileira



Pacotes
ecoturísticos



Roteiros de
Birdwatching



Expedições



Hospedagem



Translados



ECOROTAS
TURISMO



reservas@ecorotas.com.br



facebook.com/ecorotas



62 3446 1820

www.ecorotas.com.br

Importante na manutenção das aves e da flora na Mata Atlântica

Imagine uma árvore na mata, qualquer árvore. Ela vive fixa no mesmo local sua vida toda. Como qualquer outro ser vivo, biologicamente falando, essa árvore precisa nascer para crescer e se reproduzir, aquele ciclo que todo mundo aprende na escola, onde o indivíduo nasce, cresce, reproduz e morre. Mas ela é uma árvore, está lá, fixa no mesmo local, não pode sair por aí em busca de um parceiro para se reproduzir, se bem que seria maravilhoso poder ver duas figueiras centenárias andando de mãos dadas por aí... melhor não, imagina se elas resolvem devolver ao homem anos e anos de devastação... nossa! Melhor nem pensar. Mas então como essa árvore faz para encontrar parceiros para trocar seus gametas? E depois de encontrar seu parceiro, como essa árvore faz para encaminhar seus descendentes para a dura jornada de ser árvore?

Claro, ela precisa de uma ajuda externa. Ai entram os polinizadores e os dispersores. Insetos, répteis, mamíferos, aves, o vento, a chuva, estão entre eles. Mas, como vida de árvore não é fácil e tudo na natureza funciona na base da troca, durante anos e anos essa árvore desenvolveu formas de chamar a atenção desses polinizadores e dispersores, dando a eles algo em troca. Imaginemos mais árvores, uma floresta inteira...

Cada espécie que lá habita desenvolveu ao longo dos anos suas estratégias de reprodução se adaptando dentro da cadeia biológica daquele ecossistema.

Muitas plantas, por exemplo, durante sua evolução, desenvolveram frutos com polpas carnosas e de cores muito vistosas, que chamam atenção de diversos tipos de animais, pois servem de alimentos para eles, que, conseqüentemente, acabam por dispersar suas sementes. Essa relação natural é chamada de zoocoria. Quando essa relação é desenvolvida pelas aves, chamamos de ornitocoria.

As plantas que são chamadas de ornitocóricas, ou seja,



jacutinga, *Aburria jacutinga*

Foto: Jefferson Silva

cujas sementes são dispersas primariamente pelas aves, frequentemente possuem frutos carnosos, com cores contrastantes, quase sem cheiro, e são bem expostos na planta, fáceis de serem removidos pelas aves. Mas só isso não é o suficiente para garantir o sucesso reprodutivo da planta. Vários fatores relacionados ao dispersor devem ser levados em conta, pois cada grupo de aves que se alimenta de frutos apresenta comportamento diferente na maneira de coletar e tratar esse alimento. Isso resulta em diferenças quanto à sua eficácia na dispersão.

O tempo que a ave retém a semente no seu trato digestório e a forma com que seu organismo “trata” essa semente antes de descartá-la fazem diferença no sucesso da germinação.

Outro fator muito importante para o sucesso reprodutivo das plantas ornitocóricas é a qualidade do ambiente onde suas sementes serão depositadas, pois cada espécie se desenvolve em um tipo de local, umas preferem sombra, já outras se desenvolvem a pleno sol.

Ressalta-se aqui também que nem toda ave que se alimenta de frutos é na realidade um dispersor, vejamos; o pequenino tuim, menor periquito brasileiro, ao alimentar-se de frutos de embaúba (*Cecropia sp.*) por



1. Fruto da embaúba, *Cecropia sp.*. 2. Fezes frescas de sabiá, contendo sementes de embaúba. 3. Sementes após secagem das fezes.

Foto: Jefferson Otaviano

exemplo, procura somente a semente, quebrando e ingerindo a mesma, descartando a polpa, portanto o tuim não é um dispersor.

Já um sabiá, ao alimentar-se dos mesmos frutos de embaúba, engole tanto polpa quanto sementes. Esse material passa pelo seu trato digestório, onde é aproveitada a polpa, e as sementes são excretadas aptas para germinarem no solo.

Algumas aves como os surucuás, regurgitam as sementes inteiras após aproveitarem a polpa.

Podemos então considerar que para uma ave ser realmente um dispersor de sementes, ela deve ingerir os frutos aproveitando a polpa e devolver ao solo as sementes em condições de germinarem.

É incrível o nível das interações existentes na natureza. No caso das plantas e das aves é indiscutível afirmar que um depende do outro, assim como também é indiscutível afirmar, que existem espécies de plantas que são importantíssimas para a manutenção de toda a flora ao redor delas.

Considerando que toda floresta tropical apresenta picos



sabiá-una, *Turdus flavipes*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

na produção de frutos e que esses frutos são abundantes por um determinado período, vão existir intervalos durante as estações do ano onde a disponibilidade de frutos será menor, ou seja, em algumas épocas do ano, os animais que se alimentam de frutos terão maior dificuldade em encontrá-los. Portanto, plantas que frutificam durante esses intervalos de escassez são de extrema importância para a manutenção dos frugívoros daquela comunidade e por consequência são importantes para a flora ao seu redor, pois ao atrair os frugívoros, atraem também as sementes de outras espécies de plantas trazidos por esses frugívoros. Um ótimo exemplo desse tipo de planta em uma floresta tropical é o palmiteiro juçara (*Euterpe edulis*), nativo da Mata Atlântica. O palmiteiro juçara, também chamado de palmito-doce e içara, presente na mata atlântica, é muito procurado e coletado na natureza por ser comestível e muito apreciado por nós. Por consequência dessa coleta predatória, vem desaparecendo e tornando-se até extinto em muitos locais.

Para ter acesso a parte comestível do palmito, é necessário matar o indivíduo, pois é uma planta que não perfilha, ou seja, é uma palmeira com apenas uma haste, fato esse que favorece, e muito, a dizimação de toda a população de uma área.



juruva-verde, *Baryphthengus ruficapillus*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

O palmitreiro juçara demora em média oito anos para chegar na idade de corte.

Ocorre do sul da Bahia e Espírito Santo até o Rio Grande do Sul.

Também ocorre em Goiás e na bacia do rio Paraná em

Mato Grosso do Sul e do oeste de São Paulo ao Paraná. O gênero *Euterpe* possui mais de 40 espécies. Na Amazônia ocorrem oito espécies, sendo o açaí (*Euterpe oleracea Martius*), de grande importância econômica, principalmente pela extração de seus frutos para fabricação de bebidas como também pela extração de seu palmito. A grande diferença em relação ao palmitreiro juçara, é que o açaí perfilha, ou seja, possui várias hastes em única planta, sendo assim, não é necessário matar a planta para coletar o palmito.

O palmitreiro juçara é muito importante para os frugívoros da mata atlântica, pois ele tem seu pico de frutificação durante os meses de inverno, onde de uma maneira geral, a oferta de alimentos na floresta é menor. Cada planta pode produzir mais de seis mil frutos por temporada de frutificação, o que dá pra alimentar muito bicho.

O fruto é esférico, de cor negra quando maduro e mede pouco mais de 1 centímetro. O tamanho do fruto do palmitreiro juçara determina o tamanho dos seus



araponga *Procnias nudicollis*

Foto: Jair Gilberto Kray

dispersores, ou seja, a ave tem que dar conta de arrancar, manipular para tirar pedaços ou ter a abertura do bico grande o suficiente para engolir o fruto inteiro. Se ficarmos observando de um ponto estratégico a maneira como as aves se alimentam no cacho de frutos do palmitreiro juçara, veremos que cada uma tem seu modo de agir. Os ramphastídeos (tucanos e araçaris) e cracídeos (jacús), por exemplo, pousam agarrados nos cachos e permanecem por algum tempo arrancando frutos. Surucuás, pavós e arapongas podem ser vistos pousados nos cachos ou arrancando os frutos durante o voo, sem pousar. Outras aves escolhem um poleiro de onde fazem voos rápidos para arrancar os frutos e voltam no poleiro para engoli-los.

São várias espécies de aves que se alimentam no palmitreiro juçara, mas efetivamente somente algumas dessas espécies são importantes para o sucesso reprodutivo da planta.

Essas aves devem permanecer por pouco tempo no cacho de frutos, o que possibilita que as sementes sejam dispersas longe da planta mãe, devem preferir o sub-bosque mais denso da mata, local onde se tem a maior taxa de germinação das sementes do palmitreiro. São considerados ótimos dispersores para o palmitreiro juçara, por exemplo, o tropeiro-da-serra (*Lipaugus lanioides*), o araçari-banana (*Pteroglossus bailloni*), a jacutinga (*Aburria jacutinga*), entre outros.



tiriba-de-testa-vermelha, *Pyrrhura frontalis*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Os sanhaços e os sabias, não se enquadram nas aves que preferem o sub-bosque da floresta, porém, são importantes para a dispersão e colonização de espécies ornitocóricas, pois visitam tanto os sub-bosques como as áreas de borda e clareiras na floresta, contribuindo para a deposição de sementes nesses locais, favorecendo a regeneração natural.

A coleta predatória do palmitero juçara, assim como a retirada de várias outras espécies de plantas, compromete diretamente inúmeras interações animal-planta, que são necessárias para a manutenção e equilíbrio das populações no bioma Mata Atlântica.

A extinção do palmitero juçara em determinadas áreas pode contribuir para o afastamento dos animais dispersores dessas regiões, o que diminuirá drasticamente o trânsito de sementes de uma área para outra dentro da floresta.

Você, amigo leitor, pode e deve contribuir na dura jornada de uma árvore ser árvore, no caso do palmito juçara, por exemplo, quando você for fazer aquela deliciosa salada com palmito, verifique a origem do produto, nunca compre palmito na beira da estrada, ou sem a certificação da ANVISA. Dê preferência a palmitos cultivados, como por exemplo, o da palmeira pupunha (*Bactris gasipaes*), ou ainda os da palmeira real australiana (*Archontophoenix alexandrae*).



jacuaçu, *Penelope obscura*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim

Certifique-se que o palmito que você consome provém do cultivo sustentável. ■



macaco-prego, *Cebus appela*

Foto: Luiz Carlos Ribenboim



Santa Bárbara d'Oeste recebe neste mês visitas ilustres e raras



caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*)

Foto: Gustavo Pinto

Santa Bárbara d'Oeste recebe neste mês visitas ilustres e raras. Trata-se da passagem dos passarinhos caboclinhos, que estão em migração para o sul do Brasil. A cidade é a única no Estado de São Paulo que tem, por exemplo, registro do caboclinho papo branco, informou o fotógrafo Gustavo Pinto.

Pequenas, nativas, raras, ameaçadas de extinção, com canto atraente e plumagens coloridas, os caboclinhos formam um grupo com várias espécies.

Segundo Gustavo, há dias ele vêm fazendo o monitoramento da área, juntamente com o fotógrafo Peterson Bachin, que descobriu o local onde as aves permanecem no município.

Ele contou que os passarinhos chegaram dia 10 de outubro no mesmo local de passagem de 2014. Contudo, ano passado, os caboclinhos chegaram mais tarde, 16 de novembro e ficaram apenas sete dias. Já neste ano adiantaram a chegada e já faz 17 dias que estão por lá.

“Como eles estão de passagem geralmente ficam pouco tempo”, contou o fotógrafo.

Os caboclinhos estão em uma área na região sul do município, mas o local é mantido em segurança, por isso,

na matéria não iremos especificar. Isso porque os passarinhos são ameaçados de extinção por serem capturados e colocados em gaiolas, e também pela perda de habitat.

Segundo Gustavo, já passaram pelo município observadores de aves do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, que agendaram visitas para ver e fotografar os caboclinhos, principalmente porque essas aves estão ameaçadas de extinção.

Ele relatou que a intenção dele e de Peterson Bachin é transformar o local em uma APP (Área de Preservação Permanente) para isso estão em contato com o proprietário da área para saber qual a real situação do local. “Manter essa área protegida é manter a migração dessas raridades que passam por nossa cidade de Santa Bárbara d'Oeste, no qual é o único lugar no Estado de São Paulo que se tem esses registros tão importante. Além disso, é nossa cidade fazendo parte de uma rota de migração onde até tuiuiú, cabeça-seca, colhereiro, maçaricos, mergulhão-de-orelha-branca e muito mais passam pelo local”, disse, acrescentando que essas áreas servem para descanso e reprodução.



caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*)

Foto: Gustavo Pinto

O Caboclinho

Os caboclinhos são da família Thraupidae. Dentre as espécies de Caboclinho com registros em Santa Bárbara estão: coleiro-do-brejo (*Sporophila collaris*); o caboclinho (*Sporophila bouvreuil*); o caboclinho-branco (*Sporophila pileata*); o caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*); o caboclinho-de-chapéu-cinzento (*Sporophila cinnamomea*) – vulnerável; o caboclinho-de-barriga-preta (*Sporophila melanogaster*) - quase ameaçada; o caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*) - Quase Ameaçada e caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*) - em Perigo.

Conforme informações do WikiAves e de especialistas, os Caboclinhos são espécies raras e pequenas, medem 9,6 centímetros de comprimento. As fêmeas dos caboclinhos em geral são pardas e muito semelhantes entre si,

dificultando a identificação de cada espécie e possibilitando a mestiçagem. Já a coloração dos machos varia, tendo sempre presente cores cinza e negro e acrescido tons de marrom, vermelho, amarelo e/ou branco.

Eles habitam campos sulinos, pantanal e cerrado em áreas abertas como banhados e capinzais úmidos e ricos em espécies sementíferas. No Cerrado e Pantanal são registrados nos meses que não desenvolvem suas atividades reprodutivas. Já no Estado de São Paulo é ocasional, podendo aparecer indivíduos vagantes e/ou migrantes. As regiões mais conhecidas pelos estudiosos para reprodução são o Sudeste e Sul do Brasil. A vegetação desses campos fornece as sementes necessárias para a alimentação, a matéria-prima para a construção dos ninhos e servem como local onde os ninhos são confeccionados.

No Brasil, ocorrem na região central, nos estados de

Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, passando por Minas Gerais, sul da Bahia, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Provavelmente ocorre nos estados do Tocantins e Santa Catarina. A espécie é também encontrada na Argentina, Paraguai e Uruguai. ■



caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*)

Foto: Gustavo Pinto

Migratório, aparece no Brasil entre os meses de outubro e abril. Pode ser encontrado em praticamente todos os Estados do país, especialmente nos grandes centros urbanos e em áreas rurais, onde há uma elevada abundância de pombos, sua principal presa.

O falcão-peregrino, *Falco peregrinus*, é famoso por suas migrações, alguns indivíduos viajam por mais de 14 mil km saindo das regiões setentrionais da América do Norte (Groelândia, Alasca, norte do Canadá) até os locais de invernagem na América do Sul. Durante essas migrações voam de 200 a 400 km por dia, demorando de 15 a 45 dias até chegarem aos seus destinos finais de migração. Montanhas, oceanos e florestas densas são obstáculos frequentes no caminho desses viajantes.

Agora em dezembro é mais fácil de encontrá-los, já que nesse período todos os indivíduos chegaram aos seus destinos finais de migração. Se você mora em uma cidade com alguns edifícios é provável que nela habitem falcões-peregrinos. Se deseja encontrá-los, observe às torres de telefonia, às caixas de ar condicionados situadas em paredes laterais de prédios altos, às torres de igrejas e quinas/bordas dos terraços de edifícios, pois são esses os locais mais usados pelos peregrinos no ambiente urbano. Normalmente preferem poleiros sombreados e direcionados para áreas espaçadas (evitam poleiros dispostos para corredores muito estreitos com outros prédios). Já em áreas rurais, é interessante procurar árvores altas como Eucaliptos e Araucárias isoladas na paisagem rural.

Willian Menq, biólogo e ornitólogo da Universidade Estadual de Londrina, vem monitorando no município de Maringá/PR, a visita dos falcões-peregrinos desde 2012. Um desses indivíduos é a fêmea batizada de "Stela", monitorada a cinco temporadas consecutivas. "Encontrei Stela pela primeira vez em outubro de 2012, usando uma torre de caixa d'água para pernoitar e descansar durante o dia. O local, apesar de próximo do centro, é tranquilo e cheio de pombos ao redor", conta Willian. Desde então, todo início de novembro ela aparece na mesma torre e no mesmo poleiro, onde fica até o final de março.

No centro de Maringá, Willian acompanha "Ingá", uma fêmea adulta que vem sendo monitorada desde novembro de 2013. Ingá descansa e pernoita em uma pequena estrutura em forma de plataforma localizada no alto de um edifício, bem no centro da cidade. Logo que amanhece ela sai para caçar, retornando com sua presa horas depois. Às vezes pousa em prédios próximos para se banquetear.



Stela, fêmea adulta monitorada desde 2012 na cidade de Maringá/PR. Pousada em seu tradicional poleiro de repouso e descanso.

Foto: Willian Menq



Ingá, em seu poleiro habitual de descanso diurno. Indivíduo monitorado desde 2013 na cidade.

Foto: Willian Menq

Texto: Tietta Pivatto

BIG DAY BRASIL PRIMAVERA

Aconteceu no dia 10 de outubro a primeira edição do Big Day Brasil Primavera, um evento derivado do sucesso da participação brasileira no Global Big Day, noticiada aqui na Revista Passarinando (edição 3). Organizado pela Save Brasil e com participação voluntária de observadores e fotógrafos, foi um dia inteiro dedicado à observação de aves em quase todos os estados brasileiros, com cerca de 850 participantes e 1.144 espécies registradas. Mesmo com a chuva que atingiu a região sul do país, os observadores mandavam seus registros para o eBird e Táxeus, num esforço coletivo para obter o maior número de registros de aves no território brasileiro. Ainda que para alguns dos participantes essa ação tenha sido apenas uma forma de lazer misturada com um pouco de competição, o fato é que os dados amostrados geram informações importantes para ações de monitoramento e conservação das aves, além de contribuir para a educação ambiental.

Mesmo fora destes eventos pontuais é importante que os observadores registrem as aves observadas durante suas atividades, pois estes dados podem ajudar a proteger muitas espécies

ameaçadas. Existem diversos aplicativos para celular que facilitam esse trabalho, mas muitos ainda preferem usar a tradicional caderneta de campo ou mesmo um gravador. Não importa o método, o importante é anotar! ■



Em quase todo o Brasil tinha observador de olhos atentos! Fonte: Big Day Brasil

AVISTAR ES

Entre 22 e 25 de outubro aconteceu o primeiro Avistar ES, com apoio da SETUR, SEBRAE/ES, Vale e vários colaboradores e parceiros, na capital Vitória. O Parque Botânico da Vale foi o cenário escolhido para o evento por contar com boa infraestrutura para as atividades executadas e também uma ótima área verde, onde foi possível observar diversas aves durante os intervalos. As escolas foram recebidas na manhã do primeiro dia, com os alunos participando de uma atividade de observação de aves. A abertura contou com a presença de várias autoridades, entre elas o Secretário de Turismo do Estado. O principal tema abordado foi a criação de uma unidade de conservação que proteja a saíra-apunhalada, espécie criticamente ameaçada de extinção e cuja última população encontra-se isolada num remanescente de floresta na região do município de Vargem Alta. A expectativa é que o documento seja

assinado até meados do primeiro semestre de 2016. Foram várias palestras no sábado e na manhã de domingo, apresentando o potencial do Estado para o



Falando de Passarinhoterapia.

Foto: Gustavo Magnago

turismo de observação de aves, ações de conservação e também temas diversos. Duas oficinas de fotografia e tratamento de imagens, feira com produtos regionais, atividades infantis e uma bela exposição de fotos complementaram o evento.

Também aconteceram duas saídas de campo, sendo

uma para a Estação Biológica Marinha Augusto Ruschi, local obrigatório para quem quer conhecer beija-flores e várias espécies endêmicas da região e para a Quinta do Mendes, uma fazenda produtora de café e eucalipto que possui uma interessante reserva de mata, onde várias espécies já foram registradas. ■



Avistar Kids com nossa "rainha dos baixinhos" Aurelice. As crianças adoram!
Foto: Tietta Pivatto



A beleza se banhando na água do irrigador: fêmeas de saí-azul (*Dacnis cayana*)

Fotos: Tietta Pivatto



...e o macho (*Dacnis cayana*) de olho.

Fotos: Tietta Pivatto



CONHEÇA UM GUIA

Valdir Hobus, Sinop/MT

Texto: Norton Santos | fotos: Valdir Hobus



Nessa edição apresentamos o guia Valdir Hobus, da cidade de Sinop, no Mato Grosso. Valdir atua em uma região rica em espécies, algumas muito interessantes, como a coruja-de-crista e uirapuru-veado, só para citar alguns poucos exemplos.

Quando e como começou sua relação com as aves / natureza?

Comecei em 2009 quando conheci o Parque Nacional da Emas com um amigo. Este amigo é observador de aves e guia (André de Oliveira). Fiquei encantado ao ver e fotografar o tiê-bicudo (*Conothraupis mesoleuca*), ave muito rara e ameaçada de extinção. Poder ver uma ave que poucas pessoas viram foi realmente emocionante. Daquele dia em diante, passei a olhar as aves com outros olhos (binóculos e lentes... risos).

Quando começou a guiar observadores de aves?

Em 2012, quando mudei para a cidade de Claudia/MT, iniciei o trabalho de catalogação das aves existentes no município. Logo alguns observadores ficaram interessados pelo grande número de aves que estavam sendo encontradas. Foi em 2013 que comecei a receber alguns amigos para observar e fotografar em Claudia/MT, ainda de forma informal. Aos poucos foi se tornando um dos pontos bastante procurados aqui na região norte do Mato Grosso.

Qual equipamentos você utiliza?

Para guiar utilizo binóculo, caixa de som e um reproduzidor de MP3. Para fotografia utilizo uma Canon 7D com lente

100-400 L IS. Além dos acessórios como lanternas, tecidos camuflados e outras tralhas para facilitar o trabalho na mata. Tenho dado bastante ênfase em fotografia de espera (camuflagem) por possibilitar encontros mais tranquilos com as aves.

Quais seus destinos principais, e por quê?

Atualmente estou residindo em Sinop/MT, que fica a 80Km de Claudia/MT. Meu foco é a área de transição Cerrado-Amazônia. Tenho procurado conhecer melhor o bioma amazônico e suas aves, pois é aqui que eu atuo. Durante 4 anos residi em Claudia, e por isso conheço bem as matas de lá. Mas também tenho guiado em Sinop e outras cidades vizinhas.

Quais os principais roteiros seus nesses destinos para observação de aves? Como você organiza as guiadas (logística, número de dias, número de participantes, etc) ? Que espécies podem ser encontradas?

Os roteiros se concentram todos no bioma amazônico, desde Sinop até Alta-Floresta. Contudo, vale ressaltar, não atuo profissionalmente como guia. Tenho atividade profissional que absorve boa parte do meu tempo. Por isso, tenho recebido poucos grupos e com agendamento prévio. Geralmente reservo alguns dias das minhas férias, distribuídos durante o ano, para receber os grupos interessados. Costumo indicar de 3 a 5 dias. Mais do que



uirapuru-veado, *Microcerculus marginatus*



coruja-de-crista, *Lophotrix cristata*

isso torna-se cansativo devido às distâncias e ao calor intenso da região.

O ideal é que os grupos sejam pequenos, de no máximo 3 pessoas. Isso facilita a locomoção e também o trabalho na mata fechada.

Destaco a importância de

escolher pessoas com interesses e experiência parecidos. Isso ajuda o grupo a ter mais coesão e eficiência na passarinhada. Quando um quer quantidade de fotos e outro quer qualidade, cria-se um impasse no grupo, e isso pode gerar alguns desconfortos.

Costumo organizar um cronograma e roteiro baseado no interesse do grupo e na lista de espécies desejadas.

Se o grupo quer quantidade de registros ou mesmo a observação sem fotografar, a programação requer mais caminhadas, locomoção de uma trilha para outra.

Já grupos que querem boas fotos, a programação se concentra mais em pontos específicos, com espécies residentes e que permitem boas fotos.

A forma mais prática de chegar aqui é voar até Sinop. Alugar um carro e seguir até Claudia (86km). Lá existe um hotel já acostumado a receber grupos de observadores (Hotel da Amizade), que consegue adaptar-se aos horários diferenciados dos observadores.

A lista de espécies passa de 350. Com destaque especial para psitacídeos, thamnophilídeos e para a estrela de Claudia: a coruja-de-crista.



papa-formiga-do-igarape, *Sclateria naevia*

Qual foi sua maior emoção vivida durante uma passarinhada, e por quê?

Com certeza a maior emoção foi fotografar a coruja-de-crista. Por uns 3 anos eu a ouvia e não conseguia contato visual. Depois de conversar com colegas, e de estudar seu comportamento, consegui finalmente meu primeiro registro. Hoje tenho uns 7 pontos onde é possível encontrar ela com relativa facilidade. Com um pouco de paciência e persistência, é possível sair de Claudia com uma coruja-de-crista no cartão.

Qual espécie é seu sonho de consumo?

Tenho muitas espécies que ainda sonho encontrar. Mas certamente ver todas as corujas do Brasil é um dos meus maiores desafios. Destaque especial para o mocho-dos-banhados e pro caburé-acanelado. ■

Informações de contato

Lembro que meu trabalho como guia está limitado à disponibilidade de folgas.

E-Mail: vhobus@gmail.com

www.500px.com/vhobus

TEL.: 66 9608 - 6735



O Kruger é um parque nacional sul-africano, uma das mais importantes áreas de preservação do país, um paraíso para os amantes da vida selvagem. Abriga os grandes mamíferos africanos, como Elefante, Leão, Leopardo, Rinoceronte, entre outros.

Está localizado no leste da África do Sul, aproximadamente 500km do aeroporto de Joanesburgo. É possível chegar a Joanesburgo, pegar um voo local para Nelspruit, ou Hoedspruit ou Phalaborwa descer a poucos quilômetros de uma das entradas do parque. Nos aeroportos de Hoedspruit e de Phalaborwa há locadoras de carro, mas você deve agendar com antecedência. Você também pode alugar o carro no aeroporto de Joanesburgo, e dirigir até o parque. As estradas sul-africanas são muito boas, muito bem sinalizadas. O único inconveniente é a mão-inglesa, que pode complicar um pouco para quem nunca dirigiu. Deve-se tomar cuidado, embora não seja difícil se acostumar. Por precaução recomenda-se o aluguel de um carro com GPS, para facilitar.

O parque é muito grande, tem aproximadamente 350km de extensão, por, em média, 60km de largura. Dentro do parque o turista hospeda-se em um *camp*. Há diferentes tipos de *camps*, como os *main rest camps*, uma área que tem bangalôs para 2, 3 ou 4 pessoas, casas que podem acomodar mais pessoas, restaurante, lanchonete e uma loja, que reúne um mercadinho e venda de souvenirs. É nesta loja que o turista pode comprar itens para o café da manhã, se quiser sair bem cedo, antes do restaurante e lanchonete abrirem. Alguns desses *camps* também têm bombas de gasolina, mas não são todos. Então é importante verificar quais têm, e fazer um planejamento para abastecimento do carro.

Outros tipos de *camps* são os *bushveld camps*, 6 no parque, com uma infraestrutura menor, e portanto, menos badalado, o que pode aumentar as chances de observação da vida selvagem; *camps* satélite (6 no parque) e alguns *lodges*. Há ainda alguns *hides* que o visitante pode passar a noite, além de acampamentos

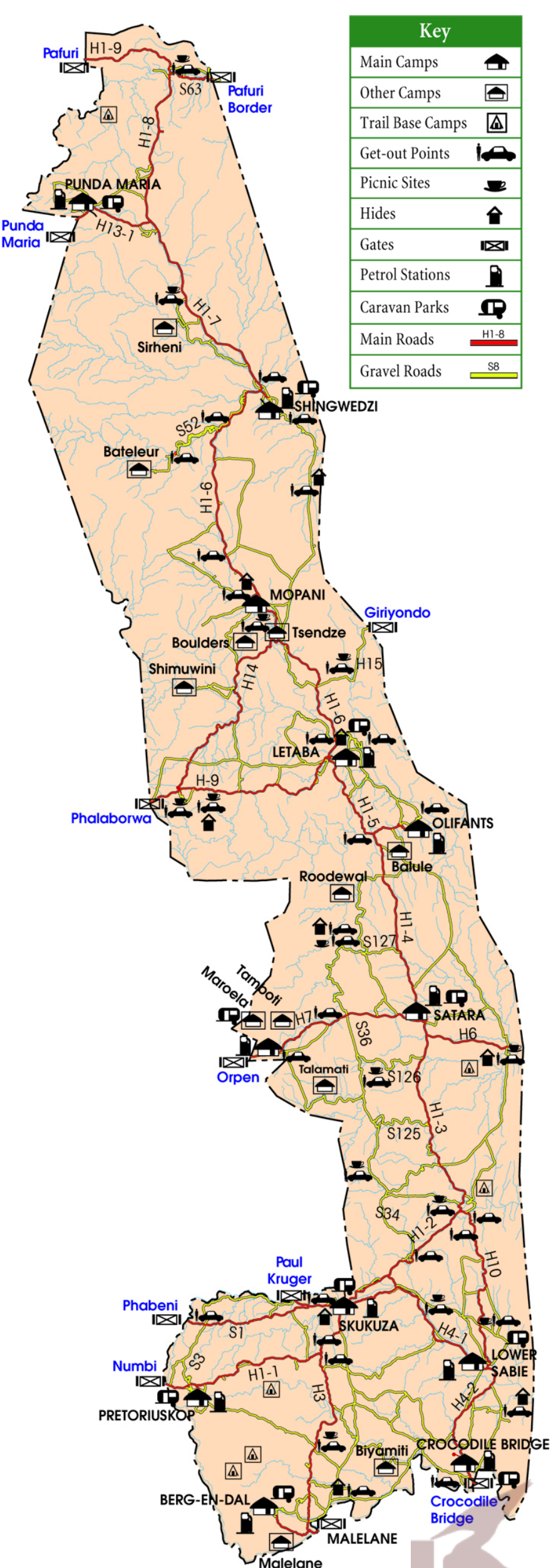


Bangalô em um *camp*

para quem quer fazer algumas trilhas.

Os *camps* têm horários específicos para abertura e fechamento dos portões. No parque, são as únicas áreas cercadas, dado o risco óbvio que seria manter bangalôs em áreas abertas na savana africana, quando se tem animais como elefantes e leões circulando o tempo todo no parque.

Ligando os *camps* há estradas de asfalto e terra, todas muito bem sinalizadas, e em excelentes condições. O turista pode dirigir livremente pelas estradas, através das quais tem todas as condições de observar a vida selvagem.



O parque tem algumas regras muito rígidas, algumas são fundamentais para a segurança dos turistas e dos animais: entrar no camp antes do portão; não ultrapassar o limite de velocidade (em geral 50km/h nas estradas de asfalto e 40km/h nas estradas de terra); nunca descer do carro, a não ser em locais devidamente sinalizados; e não se aproximar muito de animais como búfalos, rinocerontes e principalmente elefantes. Para estes, recomenda-se ficar a pelo menos 50m de distância.

Todo o processo de reserva e pagamento dos bangalôs e dos passeios pode ser feito pela internet, no site do parque, de forma extremamente fácil e segura. Mas é bom fazer tudo com antecedência, pois o parque vive cheio, com muitos turistas europeus e americanos. Os gastos dentro do parque podem ser feitos no cartão de crédito, ou com **rands**, a moeda nacional. No aeroporto de Joanesburgo o turista pode fazer a troca de dólares por **rands**.

Embora o turista possa fazer todo o passeio e, portanto, toda observação de dentro do seu carro alugado, o parque também disponibiliza passeios guiados, em caminhões adaptados para safaris. Como os guias são extremamente acostumados à vida selvagem do parque, e como os passeios são feitos em momentos que os portões dos *camps* estão fechados, no entardecer/anoitecer ou antes do amanhecer, é bastante

recomendável fazer alguns deles, pois são horários que as pessoas têm maior chance de ver alguns animais caçando, como leões ou leopardos.

Há quatro tipos de locais para se observar e fotografar a fauna: dentro dos *camps*; nos *hides* e *lookout points* ou pontos para observação; *picnic sites*, que são lugares entre *camps* para as pessoas poderem parar para comer/almoçar; ou nas estradas.

Dentro dos *camps* a pessoa pode andar tranquilamente, e, portanto, fazer uso de todo seu equipamento, como tripé ou monopé. Em geral terá oportunidade de fotografar aves ou répteis. Dependendo do *camp*, pode até fotografar algum mamífero a certa distância, como macacos ou cervídeos.

Os *hides* são espécies de cabanas construídas para que as pessoas possam observar a vida selvagem sem que isso assuste ou incomode os animais. Neles as pessoas têm a chance de ver algumas aves mais de perto, além da possibilidade de ver também alguns mamíferos ou répteis. Já os *lookout point* são pontos onde se tem uma visão boa de uma certa região, algumas vezes esses pontos são elevados, como uma ponte ou uma pequena montanha.

Os *picnic sites* são lugares onde a pessoa pode parar para comer, seja comida que ela tenha levado, ou algo comprado no próprio local. Embora o local não seja

leão / *Panthera leo*

Canon 7D, Canon 300mm f/2.8 | f/5.6, 1/800, ISO 640

leopardo / *Panthera pardus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 +TC 1.4x | f/4, 1/400, ISO 1600, @420mm

cercado, é relativamente seguro andar por lá, dado que os animais não têm o hábito de se aproximar desses pontos. A foto do pica-pau-cardeal foi feita em um desses locais.

Por último, dentro dos carros, nas estradas que cortam o parque. É nesse momento que a maior diversidade pode ser observada. Nesse caso, nada de tripé ou monopé. As fotos são todas feitas de dentro do carro. Dependendo do equipamento, recomenda-se o uso de beanbags. Veja matéria nessa edição sobre fotografar de dentro do carro.

Uma outra maneira de se observar a vida selvagem é através das *wilderness trails*, ou trilhas pela savana. É a forma de observação mais intensa, na qual a pessoa irá fazer uma trilha por áreas realmente selvagens da África, com guias especializados (e armados). Há diferentes trilhas, com diferentes durações. Algumas delas podem durar alguns dias. Podem ser bem legais para observação de aves, uma vez que essas podem permitir às pessoas uma maior aproximação.

No Kruger não se faz simplesmente uma passarinhada. Lá se faz observação da vida selvagem, com todo o esplendor que a África proporciona. Para os amantes da vida selvagem, é simplesmente indescritível, emocionante, apaixonante.

O parque pode ser visitado o ano inteiro, e a melhor

época é algo bem relativo. Se você pesquisar, verá que toda época terá sua característica, suas oportunidades. Conforme a época do ano os horários de abertura e fechamento dos portões de acesso e também dos portões dos *camps* mudam, então é bom se informar antes.

O site do parque é muito rico em informações, então vale uma boa navegada pelo site. Caso alguma dúvida não possa ser esclarecida no site, o contato por email é sempre eficiente. O site pode ser acessado aqui.



gavião-palrador / *Micronisus gabar*

Canon 7D, Canon 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/320, ISO 400, @420mm



zebra / *Equus quagga burchellii*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/4, 1/320, ISO 400, +1 EV @420mm

O dia a dia no parque

Como o parque tem diversos *camps*, e também pelo fato do parque ter diferentes vegetações ao longo de sua extensão, é comum as pessoas ficarem em mais de um *camp*. Então há dois tipos de percursos que podem ser feitos. O primeiro é sair do *camp* no qual a pessoa está hospedada, e dirigir em estradas ao redor do *camp*, se programando para levar comida ou voltar para almoçar. Quando a pessoa fica hospedada em mais de um *camp*, terá que se deslocar de um para o outro, então essa é outra maneira de fazer observação.

O horário de abertura e fechamento dos portões varia conforme a época do ano. Quando abrem às 04:30h, é comum acordar 04:00, tomar um café e às 04:30h, sair para as estradas para observar a diversidade de espécies do parque.

Claro que para fotografia a luz não será ideal, mas nesses horários iniciais as pessoas têm maior chance de ver animais de hábitos noturnos caçando, além de poderem ver corujas.

Para garantir a segurança e aumentar as chances de se observar os animais, recomenda-se dirigir extremamente devagar, algo como 20 km/h, 30 km/h no máximo. Alguns

animais podem ser difíceis de serem avistados, como um leão ou leopardo, dependendo do local e da vegetação que o bicho está, a camuflagem é quase perfeita. Os passeios guiados aumentam sua chance de observá-los. Algumas vezes gasta-se bastante tempo observando e/ou fotografando alguns animais. Imagine que você tenha a chance de avistar leões? Obviamente perderá um bom tempo com eles. Então é prudente ficar sempre atento ao relógio, e ao horário de fechamento dos portões, para que você retorne ao *camp* antes do horário de fechamento dos portões.



escrevedeira-de-peito-dourado / *Emberiza flaviventris*

Canon 7D, Canon 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/1600, ISO 400, -0.3, @420mm



calau-de-bico-vermelho / *Tockus alboterminatus*

Foto feita em um *camp*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/2000, ISO 400, @420mm



O que pode ser visto

No parque são 336 espécies de árvores, 145 de mamíferos, 114 de répteis, 49 de peixes, 34 de anfíbios e 507 espécies de aves. Portanto, muita vida selvagem para ser vista.

Alguns animais são mais facilmente avistados do que outros, dado o número de indivíduos existentes no parque, e também conforme o comportamento das espécies.

Cervídeos, como os impalas, steenbok, nyala, common reedbuck, kudu, common duiker, e alguns grandes mamíferos como búfalo africano, girafa, zebra, elefante, hipopótamo, gnu, são vistos com relativa facilidade.

Alguns outros animais são bastante prováveis, como hiena, babuíno, javali, leão. Outros animais são mais difíceis, como cachorro selvagem, leopardo, guepardo e alguns outros felinos.

A proximidade com que se avista um animal pode variar muito. Os cervídeos são vistos com bastante frequência, e geralmente muito próximos das estradas, o que permite uma boa condição para fotografia.

Outros mamíferos também podem ser vistos a uma distância boa para fotografia, como elefantes, zebras, girafas, búfalo. Mas devemos sempre lembrar que estamos em território selvagem, e que com animais de

grande porte não devemos nos aproximar demais. Alguns locais são especiais, como lagoas ou poços d'água criados artificialmente no parque, já que os animais com frequência vão para tomar água. Parar em um desses e esperar um tempo pode render boas observações.



mocho-de-orelhas-africano / *Otus senegalensis*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/250, ISO 320, @420mm



pica-pau-cardeal (macho) / *Dendropicos fuscescens*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/500, ISO 640, -0.3EV, @420mm



francolim-de-poupa / *Dendroperdix sephaena*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/1000, ISO 400, -0.3EV, @420mm

Avifauna

O Kruger tem uma diversidade enorme de aves, 507 espécies registradas, o que proporciona ótimas chances de observação. Claro que tudo depende de um pouco de sorte, mas também, do tempo que a pessoa fica no parque.

Porém, passarinho no Kruger não é como passarinho no Brasil, onde podemos tentar nos aproximar das aves.

Algumas vezes simplesmente não podemos nos aproximar, se a ave está em um local perpendicular à estrada. Aí temos que nos contentar em fazer a observação ou foto de onde estamos. Mas outras vezes podemos tentar aproximação, dirigindo em direção à ave. A diversidade é grande, e temos desde pássaros pequenos, coloridos e lindos, até grandes urubus e gaviões.

É difícil falar em destaques, mas há algumas aves mais comuns que é praticamente certo que o observador irá se deparar com elas. Entre estas podemos citar o rolieiro-de-peito-lilás (Lilac-breasted Roller, *Coracias caudatus*), calau-de-bico-amarelo (Southern yellow-billed hornbill, *Tockus leucomelas*), garça-gigante (Goliath heron, *Ardea goliath*) no hide próximo do camp Skukuza, estorninho-de-burchell (Burchell's Starling, *Lamprotornis australis*), algumas "codornas", entre outras. Para nós



beija-flor-de-barriga-branca / White-bellied Sunbird

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/5.6, 1/800, ISO 400, @300mm

brasileiros, algumas aves são interessantes, como as espécies do gênero *Tockus*, alguns urubus, gaviões e águias, como a águia-pescadora-africana (African Fish Eagle, *Haliaeetus vocifer*) ou a águia-marcial (Martial Eagle, *Polemaetus bellicosus*), a maior do continente africano.

Com certeza o Kruger proporciona diversas oportunidades para boas fotos de aves.

Fotografando no Kruger

Antes de falar de equipamentos, há um detalhe extremamente importante: o padrão de tomadas da África do Sul é diferente, então é bom ficar atento e providenciar adaptadores.

Qual equipamento levar? Essa é uma questão que tem que ser bem analisada, afinal é uma viagem internacional e pode não ser tão simples levar tudo o que a pessoa quer.

Obviamente lentes maiores, como 400mm, 500mm ou 600mm são muito úteis, pela distância que os animais muitas vezes se encontram, e pelo fato de ser impossível algumas vezes a aproximação. Por outro lado, há casos em que é necessário ter lentes menores, abaixo dos 100mm. Se a pessoa tiver sorte, poderá fotografar um animal



águia pintada / *Terathopius ecaudatus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/5, 1/400, ISO 500, @300mm

com lente pequena, como 50mm.

Desse modo, se a pessoa tem lentes fixas grandes, é recomendado levar, mas também levar alguma lente mais versátil, como a 100-400mm, além de uma pequena, como a famosa “cinquentinha” (50mm).

Como os portões abrem muito cedo, ainda de noite, é possível fotografar nas melhores horas do dia no Kruger. Mas também fatalmente você fará fotos próximo do meio-dia, com luz “dura”. Fill-flash poderá te ajudar em algumas situações em horário de sol mais forte.

Algumas pessoas perguntam quantos dias devem ficar no parque. Essa é uma pergunta difícil de responder, pois é um lugar que temos a vontade de ficar muitos dias.

Entre 5 e 7 dias é um tempo bom, que permite ao observador passar por alguns *camps* e vegetações diferentes, aumentando a chance de observação de diferentes espécies.

Se a pessoa puder ficar mais, como 2 semanas, aí dá para se programar para aproveitar alguns lugares específicos, como os *hides* e *lookout points*. Como são lugares que proporcionam boas observações, mas dependem de paciência do observador, ficando mais tempo no parque a pessoa pode se programar para gastar parte do seu tempo em alguns desses pontos.



rolinha-rabilonga / *Oena capensis*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + 1.4x | f/7.1, 1/640, ISO 400, -0.3EV, @420mm

Também é possível ficar em *camps* de norte a sul do parque, conhecendo as diversas regiões e vegetações do local.

Independentemente do tempo que se fique no parque, é impossível não gostar, não se surpreender e se apaixonar pelo Kruger, pela África. Avistar esses belos animais em seu habitat natural, vivendo a vida como deve ser vivida, é uma experiência inesquecível, que todo amante de natureza e vida selvagem deveria se programar para fazer uma vez na vida.



peito-celeste / *Uraeginthus angolensis*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/320, ISO 400, -0.3EV, @420mm



cachorro-selvagem / *Lycaon pictus*

Canon 7D, 50mm f/1.8 | f/4, 1/80, ISO 320, -0.3EV, @50mm



Steenbok / *Raphicerus campestris*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/4, 1/400, ISO 400, @300mm





batis-comum, macho / *Batis molitor*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/160, ISO 400, -0.3EV, @420mm



Drongo-de-cauda-forcada / *Dicurus adsimilis*

Canon 7D, 300mm f/2.8 | f/3.2, 1/400, ISO 400, +0.7EV, @300mm



Picanço-de-almofadinha / *Dryoscopus cubla*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/400, ISO 400, @420mm



Atacador-de-poupa-branca / *Prionops plumatus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/125, ISO 640, -1.3EV, @420mm







abelharuco-dourado / *Merops pusillus*

Canon 7D, 300mm f/2.8 + TC 1.4x | f/5.6, 1/320, ISO 640, @420mm



Cinco dos primeiros 20 colocados no ranking do Wikiaves são mulheres, e foi com elas que a Revista Passarinando conversou este mês

Sabe aquela frase clássica, “isso não é coisa de mulher”? Taí algo que não se aplica a estas cinco observadoras de aves, que compartilham o prazer pela fotografia. A paixão e dedicação são tão intensas que transformou a vida de todas, tornando viagens em busca de novos cliques um objetivo sempre bem planejado. O resultado? Todas já fotografaram mais de 1.000 espécies de aves brasileiras. Sem se preocupar com estereótipos, elas concederam essa deliciosa entrevista, onde contam um pouco sobre o prazer de fotografar aves e dão dicas especiais para as mulheres que estão começando a praticar a atividade.

São elas a artista plástica Viviane Luccia (1.162 espécies), a advogada e bancária Silvia Linhares (1.125 espécies), a arquiteta, urbanista e empresária Ester Ramires (1.102 espécies), a Educadora Física Maria das Graças Albers (1.074 espécies) e Margi Moss (1.014 espécies), do Projeto Rios Voadores. Pelos menos estes eram os números até o fechamento dessa matéria...

RP: Quando começou a observar aves? O gosto pela fotografia veio antes ou depois delas?

VL – Fui apresentada ao Wikiaves em 2008 pelo amigo Marco Guedes e, em 2009, influenciada por suas belas fotos, comprei uma câmera compacta e entrei também. A fotografia sempre foi importante dentro da minha formação em Artes Plásticas, e com Wikiaves fui num embalo só até os dias de hoje, cada vez mais apaixonada pelas aves e pelo prazer que fotografá-las me traz. Apresentei o site para a amiga Maria das Graças Albers, que passou a ser companheira de muitas viagens.

SL – O marco foi 2011. Após alguns fatores aleatórios eu acabei entrando para o Centro de Estudos Ornitológicos e fiquei “viciada”. Como eu já era fotógrafa especializada em automobilismo e eventos correlatos, não me julgo



Maria Albers e Viviane Luccia, amigas e fotógrafas

observadora de aves e sim fotógrafa de aves.

ER – Comecei a fotografar aves em 2008 nas viagens que fazia com meu marido pelo Brasil. O gosto pela fotografia nasceu com o objetivo de ser a memória das nossas expedições. Foi meu marido que me chamou atenção para a beleza das aves.

MA – Quando entrei no Wikiaves. Sempre gostei de fotografar família, paisagens, mas só então comecei a fotografar aves.



Fotografar o galo-da-serra (*Rupicola rupicola*) em Presidente Figueiredo/AM emocionou Viviane Luccia



Ester Ramires. Foto de Du Zuppani

MM – Nasci no Quênia, e lá é normal que desde criança você saiba reconhecer os animais e seus nomes. Inicialmente eu fotografava aves bonitas com uma câmera simples, como um souvenir de viagem, diferente da intensidade e obsessão de hoje.

RP: Quando sai para observar aves, prefere em grupos ou sozinha? Quais as companhias preferidas?

VL – No início viajava com vários amigos, mas com o tempo percebi que um grupo menor, de duas a três pessoas, é mais produtivo. Há ocasiões em que prefiro viajar sozinha, quando quero pegar espécies específicas. É importante viajarmos com pessoas com quem tenhamos afinidade, bom relacionamento, e com objetivos parecidos.

SL – Gosto de grupos pequenos e com experiência em campo, sem frescuras e liderados por um bom guia. Sinergia e objetivos comuns entre o grupo é primordial. Mas posso tranquilamente sair com iniciantes e grupos grandes, desde que isso esteja combinado previamente, pois aí você vai preparada e se torna menos exigente.

ER – Amo sair com meu marido, compartilhar do seu conhecimento é algo inimaginável. Sempre contratamos um ornitólogo para qualificar e compartilhar seu conhecimento conosco. Acho maravilhoso ter amigos em



Choquinha-de-alagoas (*Myrmotherula snowi*), espécie criticamente ameaçada devido à destruição de seu habitat, fotografada por Ester Ramires

uma expedição, mas quando o objetivo é qualidade das fotos eu prefiro estar só com ele, no máximo outro fotógrafo amigo que tenha como foco e alvo as mesmas aves. Mas já fiz viagens com mais pessoas e foi diversão garantida.

MA – Somente com o guia, no máximo mais uma pessoa.

MM – Prefiro estar com no máximo três a quatro pessoas, mas também gosto muito de sair sozinha.

RP: Conte um pouco como é sua rotina durante uma passarinhada.

VL – A rotina é difícil. Pode significar acordar às quatro da manhã e só voltar para o hotel depois das oito da noite. Algumas trilhas e subidas íngremes podem tornar a viagem extremamente cansativa. Antes da viagem, olho no site as espécies que espero encontrar naquele lugar para me familiarizar, depois fotografo no celular para estudá-las no avião. Faço a lista dos lifers que não tenho. Tendo mais de 1.000 espécies, temos que planejar muito bem a viagem, indo atrás de bichos bem específicos. Tento planejar sempre as viagens de um ano para outro.

SL – Levo pouca bagagem, apenas o estritamente necessário. Fica mais fácil pra auxiliar na dura rotina passarineira. Acordo e durmo cedo, uso repelente, me cubro da cabeça aos pés, pois não uso filtro solar.



Margi Moss passarinhando na Serra da Capivara/PI

Gosto de conversar quando não atrapalha a passarinhada e de ficar muito atenta e em silêncio na hora H. Prezo muito os bons guias, que lideram o grupo e respeitam as aves.

ER – Nossas expedições são sempre predefinidas um ano antes. Eu e meu marido estudamos cada etapa, nos preparando antes, analisando e estudando cada ave, pedindo dicas aos amigos sobre melhor época, tempo de viagem, vozes das aves do mesmo local da expedição. Com todo o programa montado e definido, contratamos um bom guia local e um guia ornitólogo para estabelecer como queremos a nossa viagem. Nunca ficamos dependentes de programas pré-estabelecidos. À vezes tiramos alguns dias para conhecer as cidades por onde passamos.

MA – Levantar muito cedo e voltar no final do dia, ou mesmo à noite, com pausa para o almoço.

MM – Quando saio para passarinhar aqui em Brasília, é muito mais para curtidão, para observar o que vai aparecer e sem buscar lifers. Atualmente tenho apreciado muito mais observar com binóculo do que fotografar.

RP: Onde é seu ambiente favorito para fotografar? Parques urbanos, trilhas, praias... Qual é seu ambiente?

VL – Gosto de fotografar aves porque me põe em contato com a natureza. Amo as florestas, as cachoeiras, conhecer o interior desse Brasil inteiro. Também adoro o

litoral, fotografar aves marinhas em praias.

SL – Sou um tanto fóbica em ambientes fechados e escuros, por isso meus preferidos são aqueles que esbanjam luz, como praia, caatinga, cerrado, pampas.



Maria Albers aguardando a tovaça e o patinho em Presidente Figueiredo/AM

ER – Adoro caminhar na mata. Estar dentro da floresta é uma satisfação. Minha paixão se tornou a Amazônia, foi o lugar escolhido para desenvolver minhas primeiras técnicas fotográficas. Foram três anos exclusivamente para isso. Apesar dos grandes desafios, foi minha maior fonte de inspiração.

MA – Trilhas largas.

MM – O cerrado. Tem uma ótima luz, e as aves gostam de se expor para cantar, paquerar e observar a paisagem.

RP: Sua ave favorita:

VL – Rabo-de-arame, que me encantou com sua dancinha em Anavilhanas, Novo Airão/AM.

SL – Corujas!

ER – A ave mais emblemática para mim é o cambacica, eu achava que era filhote de bem-te-vi. Jamais esquecerei isso, pois foi a partir daí que a curiosidade começou.

MA – Não tenho.



MM – Saíra-de-papo-preto: é um visitante diário no meu comedouro, me encanta diariamente. É pequeno, fofo, bem vestido, carinhoso com a esposa e bom de papo!

RP: Ave que ainda não fotografou, mas que um dia será fotografada:

VL – O anambé militar. Fui atrás dele em Manaus, mas não estava aparecendo mais...

SL – Saíra-apunhalada, pato-mergulhão, jacu-estalo, coruja-das-neves...

ER – Crejoá. Já são quatro anos que ele me dá o bolo.

MA – Pavãozinho-do-pará

MM – Socoí-zigue-zague

RP: Ave fotografada que mais te emocionou, e por quê.

VL – Uma só é difícil. Cada viagem tem espécies que nos marcam mais. O rabo-de-aramé me emocionou pela beleza e pela dancinha. O galo-da-serra deu um show na segunda vez que tentei fotografá-lo. As tovacas e o patinho, que após duas horas de espera, valeram pela beleza e pose demorada. No Nordeste o soldadinho-do-araripe, as araras-azuis-de-lear e o beija-flor-de-gravata-vermelha. No Uruguai, o cardeal-amarelo e a tesoura-do-campo.

SL – Corujas me amolecem as pernas e me põem lágrimas nos olhos. E sempre que faço uma linda foto de um lifer eu fico emocionada.

ER – A choquinha-de-alagoas. Uma das aves mais ameaçadas do Brasil, habitante de uma pequena área de Mata Atlântica, no Centro de Endemismo Pernambucano, bastante degradada, no Município de Murici/AL. Quando vimos, choramos.

MA – Galo-da-serra. Perdi a oportunidade de fotografá-lo quando estive a primeira vez em Presidente Figueiredo/AM. Quatro anos depois, emoção.

MM – Gavião-real. Estávamos saindo de Vilhena rumo a Porto Velho/RO. Meu marido dirigindo e um colega conosco. Brincando, falamos que só íamos parar se víssemos uma harpia. Trinta minutos depois vi um enorme vulto cinzento em cima de uma árvore seca e

falei baixinho, “acho que vi uma harpia”. Nosso amigo gritou “pare o carro!”. Pulamos do carro e fomos nos aproximando dela, pousada tranquilamente. Só voou quando chegamos bem perto. Emocionante e divertido por ter acontecido depois da nossa brincadeira.

RP: Para você, conquistar um lifer é...

VL – Motivo de muita alegria!

SL – Mais prazeroso do que comprar roupa nova. É tão bom quanto experimentar comidas deliciosas. Lifer com foto fantástica, aí sim, me sinto realizada.

ER – Não perder nunca o desejo de fazer uma foto ainda melhor. É curtir cada momento sem aquela sensação de que não terminou. O refazer sempre me inspira.

MA – Conquistar um lifer é sempre um prazer. Prazer maior quando a foto fica boa.

MM – A gente vai conquistando lifers quase sem saber e sem buscar, mas quando aparece uma ave bem especial, o coração bate forte e a mão treme muito. Aconteceu recentemente com o pica-pau-do-parnaíba... Não conseguia focar, eu tremia muito!!

RP: Você faz listas de aves? Usa qual recurso ou site para guardar estas informações?

VL – Faço lista no Wikiaves. As espécies estrangeiras envio ao Wikibirds para identificação.

SL – Não faço lista, porque não vislumbrei ainda um uso



Um rápido descanso entre um clique e outro de Viviane Luccia



Fotografar o caburé-acanelado (*Aegolius harrisi*) em Dourados/SP foi um dos momentos mais marcantes para Silvia Linhares

prático para elas no meu tipo de observação (observação fotográfica). Tratar e catalogar as fotos demanda tempo, então uso o Wikiaves para isso, uma vez que este possui todas as funcionalidades que eu necessito.

ER – Sim. Catalogo as aves em listas de viagens, arquivo por nomes usando Lightroom e posto fotos no Wikiaves.

MA – Uso o Wikiaves.

MM – Não faço (ainda!). A triagem das fotos já toma muito tempo, mas assim que eu parar de trabalhar e tiver mais tempo livre vou fazer lista, sim. É divertido.

RP: Como se sente sendo uma das cinco mulheres com mais aves fotografadas no ranking do Wikiaves? Isso foi consequência do estilo de vida ou uma meta perseguida?

VL – Fico orgulhosa de estar entre as cinco primeiras, mas não tive metas para chegar a essa posição. Simplesmente o hobby é tão prazeroso, que foi uma evolução natural. Talvez eu ter começado cedo, já em 2009, e ter mantido um ritmo bom de viagens por ano (umas cinco viagens de sete a dez dias), ajudou a atingir o número atual de aves.

SL – Percebo que entre as mulheres isso é mais brincadeira do que disputa, mas entre os homens acho



Passarinhando entre as cerejeiras do Parque do Carmo em São Paulo/SP. Foto de Claudia Brasileiro

que a testosterona fala mais alto. Espero que sejamos exemplos para as demais, que todas nos alcancem e nos passem. Para mim, é uma diversão levada a sério. Gosto de comemorar números legais como 500, 1.000, 567, 999, 737, 1.111, sempre com um look especial. O próximo a ser comemorado é o 1.123.

ER – A quantidade de aves fotografadas é subproduto das coisas bem feitas e me sinto muito feliz de poder, apesar dos mosquitos, carrapatos, chuva, vento, poeira e de muitas vezes não realizar o desejo de uma boa foto, perceber que tudo é um refazer sempre. Não tem nada melhor que poder fazer o que se ama.

MA – Me sinto feliz. Nunca foi meu objetivo, nem nunca pensei chegar tão longe. Somente quando faltavam poucas espécies para mil tratei de consegui-las antes do final do ano, sem motivo especial.

MM – Tenho a sorte de viajar pelo Brasil a trabalho e, em cada destino, tento passarinho um pouco. Pude visitar várias cidades amazônicas, ajudando a aumentar os lifers. A conquista de muitas espécies vem facilmente quando a gente visita biomas diferentes, ou mesmo ambientes especiais como, por exemplo, a Serra da Canastra. Porém, em novembro vou participar pela primeira vez de uma excursão guiada com objetivo de fotografar muitas espécies, estou com muita expectativa.



A foto 700 de Silvia Linhares foi o tucano-de-bico-preto, e teve comemoração com ilustração do Luccas Longo, look inspirado e homenagem ao Luiz Claudio Marigo

RP: Aquela pergunta chavão de sempre: já teve dificuldades por ser mulher em alguma situação em campo? Pode contar?

VL – Não tive muitas situações constrangedoras. O que sempre pega é a vontade de fazer xixi no mato. Às vezes é difícil achar um lugar adequado...

SL – De forma alguma, em algumas de minhas melhores passarinhadas eu era a única mulher do grupo.

ER – Nunca.

MA – Meus problemas em campo se resumem às cercas de arame farpado. Preciso de ajuda para atravessá-las...

MM – Só uma vez, em Luís Alves, Araguaia. Estava sozinha, a pé numa estrada de terra fora da cidade. Um cara que, acredito, não batia bem da cabeça, passou de bicicleta, ficou olhando surpreso, parou mais adiante e foi embora. Desconfiada, eu o fotografei e assim que se foi me escondi no mato. Dez minutos depois ele voltou, me procurando em ambos os lados da estrada e eu, coração a mil, escondida (roupa de camuflagem ajuda nessas horas, né?), sem me mexer. Aguardei um tempo até ele desistir e voltei às pressas para mais perto da cidade.

RP: Quando não está observando aves você está...

VL – Faço intervalos entre as viagens para não abandonar muito o marido, netos e as alunas (dou aulas

de pintura em cerâmica em um atelier que tenho aqui em casa).

SL – Eu sou uma pessoa muito caseira, quando não estou viajando, gosto de curtir minha casa, tratar as minhas fotos, ler, estudar sobre aves, curtir minha filhota canina e ver os amigos. Quando fico em casa, procuro descansar e me reorganizar para as próximas viagens.

ER – Trabalhando na minha construtora, tratando meus “bichinhos”, curtindo amigos, fazendo academia para poder usar as minhas lentes, curtindo um bom vinho e uma boa comida.

MA – Em casa, no computador, vendo as fotos tiradas e pesquisando sobre as que não consegui registrar.

MM – Observando aves... Mesmo sem querer!

RP: No dia a dia, como as pessoas te identificam como observadora de aves? Usa brincos, camisetas, bolsas com motivos de passarinho? A decoração de sua casa te entrega?

VL – Uso corrente com corujinha, camisetas, echarpes e outros presentes com passarinhos que ganhei dos amigos. Todo final de ano faço um calendário com fotos das aves que mais me marcaram, ou as que marcaram em determinada viagem, para presentear amigos e parentes.

SL – Sou viciada em coisas com aves: vestimentas, decoração... Vejam em <http://goo.gl/RBc1kB>

ER – Em casa só algumas corujinhas compradas em cada lugar que passamos e a biblioteca de livros de aves. Quem me entrega é meu marido, que faz questão de mostrar as fotos de nossas viagens aos nossos amigos.

MA – Somente quando estou vestida em cores discretas, chapéu, botina e máquina fotográfica a tiracolo.

MM – Uso brincos e camisetas, mas o que me entrega é o comedouro e a pouca atenção que presto numa conversa quando escuto o som de uma ave diferente, fico totalmente distraída!

RP: Para as observadoras que estão começando agora, qual a dica?

VL – Sigam em frente, passarinhando, que é a melhor





Capitão-de-frente-dourada (*Capito auratus*) fotografado por Viviane Luccia em Iranduba/AM

coisa para o bem estar físico e mental (eu era uma pessoa ansiosa e me fez muito bem). Traz alegria, paz, felicidade para a nossa vida e o coração. A gente acaba até sonhando com as aves e está sempre entusiasmada com a próxima passarinhada.

SL – Estude muito. Aprenda sobre as aves, habitat, biomas, geografia, decore os nomes de algumas aves. Observe o comportamento dos mais experientes. Procure sempre sair com os bons guias para não se decepcionar. Escolha o tipo de observação que gosta mais (lista, binóculo, foto, som, etc.) e se prepare para ser muito feliz!

ER – Faça sempre as coisas com muito amor, coloque emoção, coração, inspiração, transpiração porque a vida é curta e não pode ser pequena e no final tudo vai dar certo, sempre! Isso vale para quem quer observar,

registrar ou ter boas fotos de aves.

MA – Sair com grupos pequenos.

MM – Abre bem os olhos e os ouvidos, porque um imenso mundo, encantador, vos espera!

RP: Algo mais que gostaria de compartilhar?

VL – Fotografar passarinho é tão legal que não há mais fronteira pra mim. Não importa se estou fotografando no Brasil ou fora, a emoção é a mesma. Tornei-me uma Birdwatcher do mundo. Acompanho muito meu marido nos congressos fora do Brasil e sempre pesquiso antes sobre o destino, para descobrir a cidade de uma forma diferente (parques, estuários, trilhas etc.).

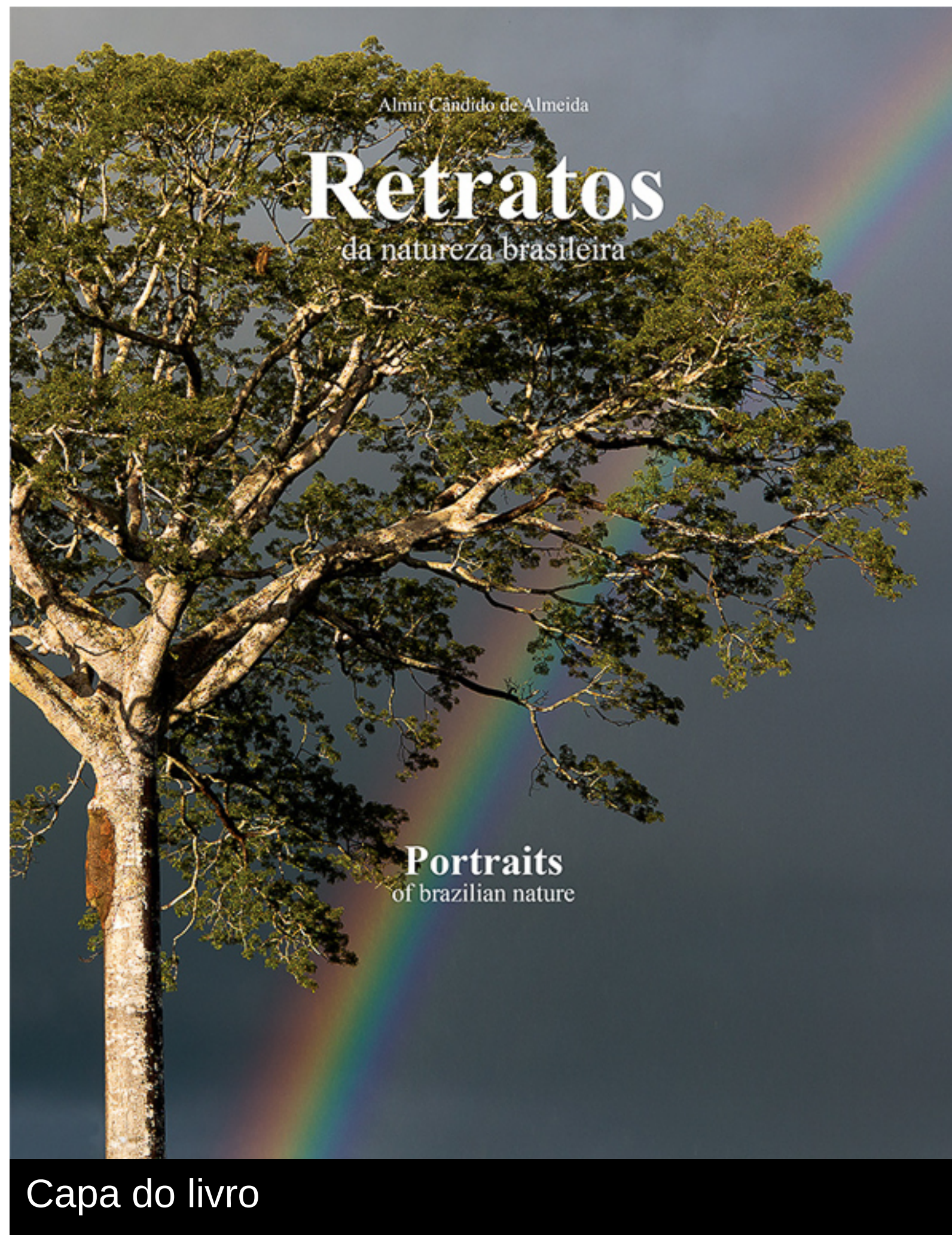
SL – Depois de me aposentar tenho procurado metas suaves, que não me tirem o prazer de curtir a vida e não me causem estresse, como fotografar aves em cada Estado do Brasil, encher meu mapa no Wikiaves de bolinhas vermelhas, conhecer os países das Américas e depois o resto do mundo. Mas o que mais gosto mesmo é fazer fotos incríveis. E me cercar de boas amizades, gente de luz, de energia positiva. Esse é um dos maiores objetivos da minha vida.

ER – Estou trabalhando num desejo antigo, fazer meu primeiro livro. Também estou separando um tempo para começar a trabalhar no projeto de divulgação e ampliação das atividades no Lajedo dos Beija-Flores em Boa Nova/BA, com o intuito de poder dar nossa contribuição à preservação de locais importantes para conservação das aves. Também sinto que estou com outro olhar para o meu país. Descobri o Brasil rural, Amazônia, Caatinga, Pampas, Mata Atlântica, Mata de Cipó e Cerrado. Perceber que temos um país com uma diversidade maravilhosa e que, apesar de tantas coisas ruins, temos muitas outras coisas boas que resistem à incompetência e desonestidade do poder público.

MA – É muito bom sair por aí conhecendo lugares novos e fotografar tantas aves lindas, ouvindo seus cantos maravilhosos.

MM – Acho que já falei demais! ■





Capa do livro

Almir Cândido de Almeida é um fotógrafo apaixonado pela natureza brasileira. Percorre o Brasil, fotografando sua fauna, flora e paisagens maravilhosas. “Retratos da natureza brasileira” é seu terceiro livro, recém lançado.

As imagens publicadas nessa obra são de fazer o queixo cair. Se o objetivo do autor era fazer o leitor viajar pelos biomas brasileiros, ele acertou em cheio !

As primeiras imagens nos convidam a pisar em solo Amazônico, nadar em rios e sentir o perfume de flores da Mata Atlântica, andar por entre galhos retorcidos da Caatinga, ou até mesmo assistir o pôr do sol no Pantanal ...

A belíssima flora brasileira é muito bem representada através de maravilhosas fotografias de diversos tipos de flores que ocorrem em território brasileiro. Mas a fauna não fica para atrás: mamíferos, aves, insetos e anfíbios de todos os tipos desfilam na nossa frente, página após página.

Os destaques são as seções de beija-flores e as de



mariposas e borboletas brasileiras, onde podemos assistir uma infinidade de cores e formas diferentes que, por muitas vezes, nunca imaginamos ser possíveis de existir.

Cada fotografia apresentada nesse livro é perfeita e representa muito bem os retratos da natureza brasileira, propósito desse livro, que é altamente recomendado aos amantes não só de fotografia, mas da exuberante natureza brasileira !

Informações

TÍTULO: Retratos da Natureza Brasileira (Portraits of Brazilian Nature) – 1ª Edição

AUTOR: Almir Cândido de Almeida

EDITORA: Exclusiva Publicações

IDIOMA: Português / Inglês

ISBN: 978-85-61931-07-0

FORMATO: 23,5 cm x 28,5 cm

PÁGINAS: 208

WEBSITE: www.almircandido.com.br ■



Texto e fotos: Rodrigo D'Alessandro

O OBSERVAVES – Observadores de Aves do Planalto Central, nasceu em 2005 com o propósito principal de promover a prática da Observação de Aves no Distrito Federal e Entorno. Constam ainda como objetivos originais do grupo o levantamento da avifauna da região através da elaboração de listas e registros fotográficos, a capacitação dos participantes na identificação das espécies e ações de educação ambiental no sentido de divulgar e ampliar o conhecimento da população sobre as aves e sua importância.

Ainda nos primórdios do grupo foi criada uma lista de discussão para facilitar a comunicação e a troca de ideias e experiências entre os participantes. Essa lista permanece ativa, atualmente com aproximadamente 200 pessoas inscritas, e ainda é uma das principais formas de interação e articulação do grupo.

Com 10 anos de existência, o OBSERVAVES ainda não está formalmente, ou juridicamente, constituído. Apesar disso, o grupo é uma referência no DF como ponto de partida para os interessados em conhecer e praticar a atividade de observação de aves e um bom exemplo de como a sociedade pode organizar-se e atuar de forma espontânea em torno de interesses e objetivos em comum. Para participar do grupo não é exigida uma formação acadêmica, bastando apenas se interessar pela observação de aves.

Dentre as diversas ações já realizadas pelos membros do OBSERVAVES, pode-se citar as passarinhadas em grupo, expedições fotográficas, workshops de fotografia, palestras com temas relacionados às aves, exposições fotográficas, apoio e/ou participação na organização de eventos como o Avistar Brasília, parcerias com órgãos ambientais e administrações de parques/unidades de conservação para divulgação da observação de aves, dentre outras. Atualmente o grupo está se organizando para desenvolver coletivamente um livro sobre as aves registradas em sua região principal de atuação.

O OBSERVAVES também está presente nas mídias sociais, com uma página institucional no Facebook



Encontros do Observaves: Passarinhadas e oportunidade de confraternização entre os participantes.

(<https://www.facebook.com/Observaves/>) e um blog (<http://observaves.blogspot.com.br/>), onde são divulgadas as atividades e ações relevantes realizadas pelo grupo ou individualmente pelos seus membros, tais como relatos de viagem e lançamentos de livros, dentre outras. Interessados em contatar ou participar das atividades do OBSERVAVES podem utilizar o formulário de contato disponível na página inicial do blog ou enviar mensagem através da página do Facebook. ■



Passarinhando no JBB - Jardim Botânico de Brasília

Fotografia de aves é sempre um desafio, por vários motivos. Um deles é a aproximação que precisamos fazer das aves, para conseguir uma boa foto.

Há algumas técnicas diferentes para conseguirmos nos aproximar dos bichos, sem que eles se espantem e voem. Uma delas é usar um esconderijo, um “hide”, do termo em inglês. Em parques no exterior é comum encontrarmos esses hides, construídos para permitir uma boa aproximação dos observadores de pássaros e/ou fotógrafos de natureza.

Há várias formas de usar um esconderijo, entre elas, barracas ou armações construídas para isso. São extremamente eficientes, muitos fotógrafos de natureza usam para conseguir fotos espetaculares, as vezes até com lentes pequenas, como 35mm ou 50mm. Uma desvantagem é que os esconderijos são fixos, se o bicho estiver no seu raio de visão, porém longe, você não tem como se aproximar.

Há uma outra forma de se esconder, mas ainda manter uma possibilidade de aproximação: fotografando de dentro do carro.

Muitas aves não se assustam com a aproximação de um carro. Algumas toleram mais, outras menos. Mas é nítida a vantagem que temos ao fotografar de dentro do carro, no que diz respeito à aproximação.

Obviamente o lugar ideal para isso é a área rural, em estradas de terra, ou mesmo parques estaduais/nacionais.

Dirija devagar, sempre, mantendo a atenção na estrada, e ao mesmo tempo de olho nas aves. A velocidade baixa tem dois motivos: o primeiro é a segurança dos bichos, pois se um animal cruzar a estrada, você terá tempo de frear; o segundo é que quanto mais lento, maior sua chance de enxergar uma ave, e menor a probabilidade dela voar. Se você estiver com um amigo, melhor, pois cada um pode cobrir uma parte da área.



pica-pau-verde-barrado / *Colaptes melanochloros*

Canon 7D, Canon 500mm f/4 | f/6.3, 1/30, ISO 200, @500mm, +0.3

Se não puder ter um amigo não-passarineiro dirigindo o carro, mantenha-se atento também à estrada, e tente sempre dar passagem pro carro de trás, assim você pode frear sem risco de acidentes.

Olhe nos mourões de cerca, árvores nos pastos, cupinzeiros. Há espécies que são comumente vistas nesses locais.

Alguns exemplos, para citar poucos: gavião-caboclo, gavião-carijó, carrapateiro, marreca pé-vermelho (em áreas alagadas), noivinha, periquito, pica-pau, etc.



Claro que cada região terá sua avifauna. Fotografar nas estradas do Rio Grande do Sul será diferente das estradas do Pantanal. Cada uma apresentará oportunidades diferentes.

Fotografando

Você viu um gavião pousado, a uma distância razoavelmente boa para uma foto. O que fazer? Pare o carro, desligue o motor e faça sua foto. O motor ligado pode te atrapalhar, causar trepidação que poderá influenciar negativamente sua foto.

Faça a fotometria, tire uma foto e analise o resultado através do LCD, de preferência com o auxílio do histograma (veja matéria na edição 1 desta revista). Se necessário, ajuste a velocidade/abertura ou ISO, e faça outra, até ter a exposição ideal.

Ligue o carro e tente se aproximar mais, de forma bem suave, para melhorar a distância. Pare e faça mais algumas fotos. Repita até chegar na distância ideal. Algumas vezes você conseguirá, outras talvez a ave levante voo.

Uma outra dica é usar um apoio, comumente chamado



bean bag caseiro

bean bag, ou seja, um saco de grãos, para apoiar a câmera ou a lente. Há alguns produtos comerciais para isso.

Na BH (www.bhphotovideo.com), famosa loja de fotografia de Nova Iorque, EUA, há produtos desde U\$20, U\$30, até produtos que passam dos U\$100. Esse da figura é caseiro, e resolve bem o problema. Utilizo com 2 sacos de arroz, de 1kg cada.



saracura-do-banhado / *Pardirallus sanguinolentus*

Canon 7D, Canon 500mm f/4 | f/8, 1/80, ISO 250, @500mm



tesourinha / *Tyrannus savana*

Canon 7D, Canon 500mm f/4 | f/6.3, 1/640, ISO 250, @500mm, -0.7

Outra ideia "caseira" seria pegar uma fronha de travesseiro pequeno, ou algo semelhante, e encher com grãos. Para lentes grandes, considero fundamental, dada a estabilidade que proporciona.

Na foto do início do artigo, do pica-pau-verde-barrado, a velocidade foi 1/30, extremamente baixa, mas possível por causa do suporte.

As duas fotos abaixo foram feitas no mesmo dia, em uma região de banhado, na cidade de Viamão, próximo de Porto Alegre/RS.

Há alguns locais onde você só poderá fazer fotos de dentro do carro praticamente a todo momento.

Um bom exemplo é o parque nacional Kruger, na África

do Sul. Um local onde você pode fazer safari a partir do seu carro (alugado), sem precisar de guias.

Uma das regras do parque é que você não pode descer do carro, a não ser em alguns poucos pontos sinalizados, devido ao risco óbvio, uma vez que você está em um ambiente selvagem, com leões, elefantes, etc.

Dessa forma, suas fotos terão que ser feitas de dentro do carro, e o local proporciona diversas oportunidades para isso. Veja duas fotos feitas nesse parque.

Faça um teste, pegue seu carro e vá para a área rural de sua cidade. Mas lembre-se, sua atenção na estrada deve ser constante, e dirija devagar, para aumentar suas chances de conseguir ver as aves, fazer boas fotos e reduzir o risco para os bichos. ■



gavião-palrador / *Micronisus gabar*

Foto feita no parque Kruger, África do Sul, usando saco de canjica como apoio
Canon 7D, 300mm f/2.8 IS L + TC 1.4 | f/5.6, 1/200s, ISO 400, @420mm, -0.7

Como todos sabem a observação de aves é uma atividade relaxante, cativante e emocionante. Mas, além de trazer diversos benefícios para o nosso bem estar, a observação de aves pode contribuir de diversas maneiras para a conservação das aves. Uma dessas formas de ir além do binóculo e da câmera fotográfica é através da ciência cidadã, onde qualquer observador de aves que tenha interesse pode atuar como cidadão cientista.

A ciência cidadã já existe há muito tempo, nada mais é do que a participação de amantes da natureza na ciência, tanto através da coleta de dados científicos quanto do seu planejamento e análise. Como era de se esperar, a maior parte dos programas de ciência cidadã envolvem as aves e os *birdwatchers*. Pensando nisso, aliado ao crescimento da observação de aves em nosso país, a SAVE Brasil em meados de 2013 iniciou o projeto Cidadão Cientista com o intuito de disseminar este conceito pelo país e integrar a observação de aves, ciência e conservação.

O projeto possui três linhas principais de atuação: monitoramentos, comunicação e gestão do eBird Brasil. A primeira delas é a realização de monitoramentos de aves em quatro unidades de conservação brasileiras realizados por grupos de observadores de aves. Esses monitoramentos foram o passo inicial para introduzir a ciência cidadã entre os observadores de aves com o intuito de avaliar a efetividade das unidades de conservação. Os grupos envolvidos no projeto são os observadores de aves do Paraná que monitoram a Reserva Natural de Salto Morato, o CEO (Centro de Estudos Ornitológicos) e observadores de aves de São Paulo que monitoram o Parque Estadual da Cantareira, o COA do Rio de Janeiro que monitora o Parque Nacional da Tijuca e Jardim Botânico e os observadores de aves da Bahia que monitoram o Parque Nacional e Refúgio de Vida Silvestre de Boa Nova.

Uma vez que as aves são consideradas ótimas indicadoras da qualidade ambiental, conhecer as suas tendências populacionais e a comunidade de aves em



Observadores de aves são importantes agentes da conservação

determinada localidade tem papel fundamental para avaliar o que está acontecendo com as suas populações (se estão aumentando ou declinando), se a distribuição está mudando e entender quais são os fatores que estão influenciando essas mudanças. Desta forma é possível entender os processos que estão ocorrendo e implementar ações de manejo para mudar o cenário e prevenir extinções. Portanto, os monitoramentos não são monitoramentos para a SAVE Brasil, eles serão importantes para todos nós, pois podem levar a ações de manejo que vão melhorar a qualidade dos ambientes para a sociedade como um todo.

Esse monitoramento é realizado seguindo um protocolo bem simples, que é seguir um trajeto específico e fazer uma lista, contando o número de indivíduos de cada espécie, anotando a hora de início e término e a distância percorrida. O mais importante de tudo é fazer com que essas listas e dados coletados fiquem disponíveis e não guardados em uma gaveta, por isso todas as listas geradas através do projeto são inseridas na plataforma web eBird Brasil, que é um website de livre acesso aos dados. Qualquer pessoa que quiser pode solicitar os dados brutos para fazer as análises que desejar.



A segunda linha de ação do projeto é a comunicação, que envolve a organização dos Big Days - que é realizada em parceria com o Avistar Brasil, Observatório de Aves do Instituto Butantan e PUC-RJ, a campanha I Love list, desafios da páscoa e do natal, bem como, apresentações sobre o projeto e divulgações na internet. Esse é um dos pilares principais e fundamentais, pois tem como objetivo envolver a comunidade de observadores de aves brasileiros na ciência cidadã e a incentivá-los a disponibilizar as suas informações no eBird Brasil, para que no futuro possamos conhecer mais sobre as aves brasileiras e entender como estão as suas dinâmicas populacionais, para podermos colocar em práticas ações de manejo e implementar ações de políticas públicas caso sejam necessárias. Um dos grandes desafios é convidar os observadores de aves a fazerem listas e contarem o número de indivíduos de cada espécie durante suas passarinhadas.

O importante é que qualquer observador pode ser um cidadão cientista. Basta fazer suas listas e inserir no eBird Brasil. Esta é a terceira linha de ação do projeto que envolve a gestão do eBird Brasil juntamente com as organizações citadas acima. O eBird é uma plataforma global que armazena dados sobre aves do mundo inteiro, permitindo que sejam feitas análises em larga escala sobre a situação das aves. Através desta plataforma é possível organizar suas listas, sua lifelist, seu Big Year, gerar

relatórios a partir das listas que você inseriu que te possibilitam entender a abundância e sazonalidade das espécies de aves nas áreas em que você frequenta. Também é possível verificar mapas de distribuição das espécies, procurar locais para observar aves em qualquer lugar do mundo que você visite, através do *hotspot explorer*, e ver as listas de aves de milhares de localidades ao redor do globo.

Então, fica o convite para fazermos mais listas durante nossas saídas para observação de aves, compartilhar no eBird Brasil e quem sabe em um futuro não tão distante

saberemos como estão as populações de bem-te-vis, sabiás e rolinhas nas áreas próximas as nossas casas, bem como, das espécies de aves mais raras e ameaçadas.

Também podemos conhecer mais sobre a migração de algumas espécies, que tal aproveitar este final de ano para começar a inserir registros de espécies migratórias como maçaricos, águia pescadora, falcão peregrino e andorinhas? Vamos ver em que partes do Brasil eles estão?

O importante é que qualquer observador pode ser um cidadão cientista. Basta fazer suas listas e inserir no eBird Brasil.

Observar para conservar e atuar como cidadão cientista! Juntem-se a nós nesta jornada de conhecimento e conservação das aves. Todos podem fazer a diferença, basta listar e compartilhar!

Para maiores informações entrem em contato conosco através do email: aves@savebrasil.org.br e visitem a página do eBird Brasil (<http://ebird.org/content/brasil>). ■



ACONTECE

Aviário Parque Lage

Parque Lage
05 e 06 Dez 2015



inea



tamanduá-bandeira / *Myrmecophaga tridactyla*

Norton Santos, colaborador da Revista Passarinhandando, fotografou esse belo tamanduá-bandeira durante uma passarinhada na Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais. Norton pode chegar bem perto do bicho e fazer essa bela foto.



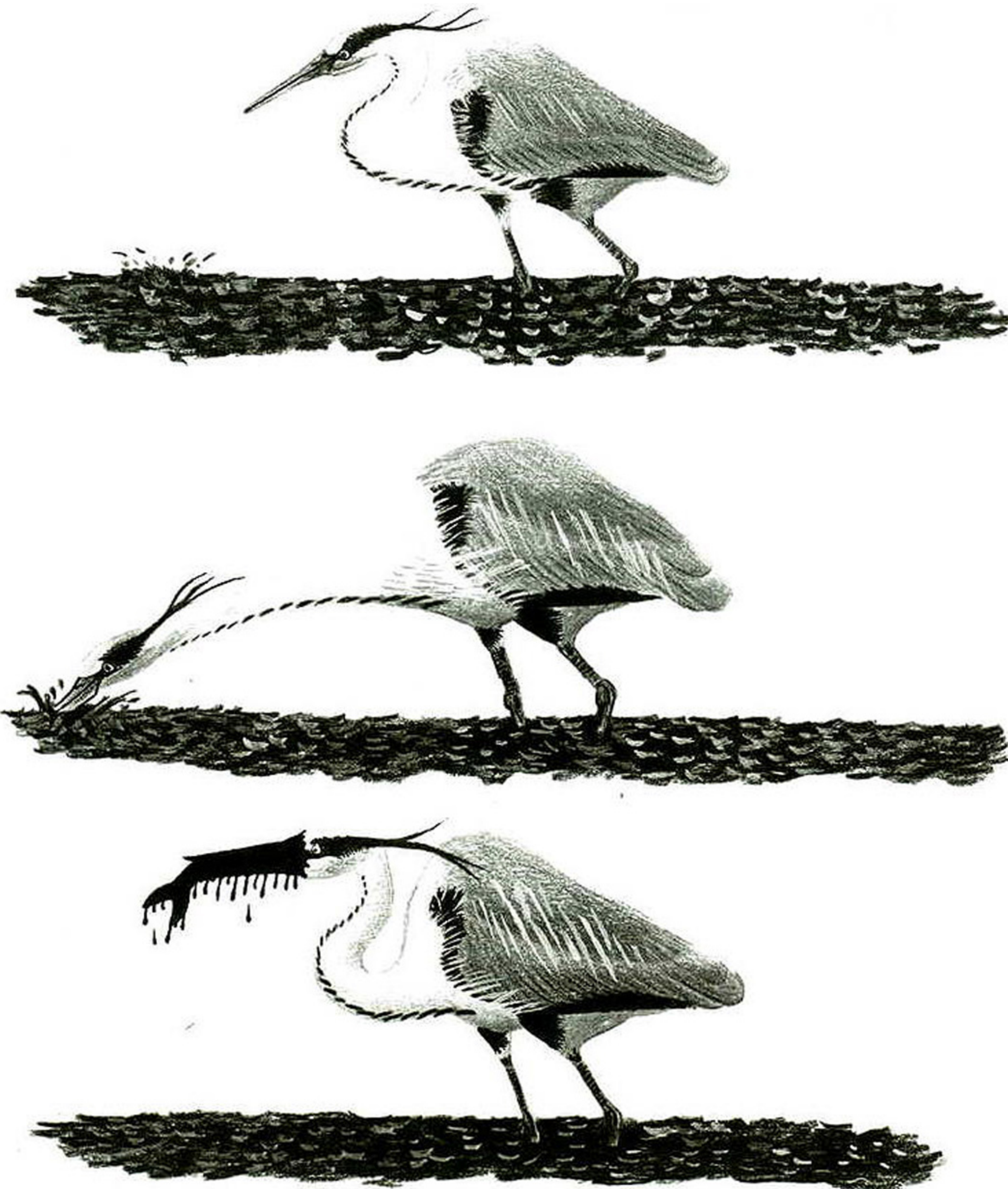
O tamanduá-bandeira é um mamífero que pode ser encontrado na América Central e América do Sul. Seu nome popular remete à sua calda que contém numerosos e longos pelos, semelhante a uma "bandeira". Ele costuma andar tranquilamente pelos campos buscando seu alimento favorito: formigas e cupins. Uma vez que encontrou seu alimento, ele usa suas poderosas garras para cavar e sua longa língua para capturar seu alimento. Por isso, ele não possui dentes. Infelizmente está classificado como ameaçado/"vulnerável" pela IUCN, principalmente devido à caça e destruição de seu habitat.

tamanduá-bandeira / *Myrmecophaga tridactyla*

"Estar frente a frente e tão perto dessa maravilhosa criatura foi com certeza um dos momentos mais emocionantes da minha vida !"

Canon 6D, Canon EF 100-400mm f/4.5-5.6L IS USM | f/7.1, 1/250s, ISO 200, @210mm







CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS

- ✦ **Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio**
- ✦ **Observação de vida selvagem**
- ✦ **Infraestrutura para turismo de observação de aves**
- ✦ **Sistemas de Gestão de Segurança**

**MARITACA
EXPEDITIONS**

ASSOCIADO



OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882

